

ANO 6 NÚMERO 10

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Arte e Ação Comunitária | 2015

sescsp.org.br

SESC

Arte e Ação Comunitária { REPORTAGEM: Ao traçar um paralelo entre as transformações sofridas pelas rochas e as vidas humanas, Denise Milan usa a arte para estimular a cidadania } PAINEL: Especialistas debatem os espaços da arte na educação do século 21 } CORTEJO: Intervenção na comunidade de Heliópolis ilustra a preciosidade da vida } PERFIL: A trajetória de Denise Milan, uma das pioneiras na arte pública brasileira, conjuga ambiente e arte



AÇÃO CONTRA A FOME E O DESPERDÍCIO

Mesa Brasil é o programa de coleta de alimentos em supermercados, cozinhas industriais, centrais de abastecimento, restaurantes, padarias, entre outras empresas da área de alimentação, para doação à instituições sociais que atendam crianças, adolescentes, adultos e idosos. Como complemento à esta ação, são desenvolvidas também atividades educativas sobre higiene, conservação, preparo de refeições e variadas formas de evitar o desperdício. É mais um compromisso do Sesc no fomento da solidariedade e da cidadania.

Seja parceiro desta ação, alimente esta ideia.
Saiba mais em mesabrasil.sescsp.org.br



INTERCÂMBIO DE SABERES

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional - Sesc São Paulo

ALICERÇADA EM BASES EDUCACIONAIS, A AÇÃO DO SESC VEM assumindo historicamente uma marcada dimensão empírica, o que permite à instituição experimentar múltiplas abordagens no âmbito da arte-educação. A ênfase, portanto, está menos na adoção de um modelo único e hegemônico e mais na abertura para modalidades plurais de fomento à interação crítica dos públicos com as manifestações culturais.

Este perfil poroso e dinâmico possibilita ao Sesc manter ativos os seus canais de conversação e intercâmbio com diferentes profissionais da área, cujas pesquisas e proposições vão contribuindo, cada qual a seu modo, para o incremento das estratégias em mediação desenvolvidas de maneira articulada às programações de seus centros culturais e desportivos. São essas experiências variadas que permitem ao Sesc reunir, interpretar e avaliar índices que emergem não tanto de conjecturas teóricas, mas de práticas cotidianas junto aos públicos fruidores de exposições, espetáculos,

seminários, práticas de leitura e exposições de filmes, por exemplo.

Outra constante ensejada por esta permeabilidade tem a ver com experimentos mediativos forjados a partir das especificidades das diferentes linguagens artísticas. Este exercício tende a agregar novas camadas semânticas aos fenômenos artísticos, na medida em que ativa a propriedade dialógica a eles inerente, fazendo com que as interpretações e os sentidos sejam produzidos de forma distribuída.

É neste contexto que Denise Milan vem mantendo uma importante interlocução com o Sesc, colaborando para a rede de referências que a instituição vem urdindo no campo da arte-educação nas últimas décadas. Arelado ao seu trabalho de criação artística, Milan dedica-se a uma série de plataformas de intercâmbio de saberes acerca do universo mineral, em relação ao qual ela assume o papel de uma porta-voz, buscando conferir legibilidade àquilo que as rochas têm a nos dizer.

índice }

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



p.5 *artigo Sesc*

A ideia de que cultura e educação formam um binômio indissociável é central para o Sesc: a arte-educação estimula a participação ativa e criativa do espectador.

p.8 *reportagem especial*

A gênese e as transformações das pedras são o ponto de partida para a arte de Denise Milan, que reflete sobre o lugar do homem no planeta.

p.22 *perfil*

Conheça a artista multidisciplinar Denise Milan, que além de performances urbanas, tem obras e instalações em museus nacionais e internacionais.

p.26 *cortejo precioso*

O Cortejo das Vidas Preciosas, realizado em Heliópolis, emprega a arte para promover cidadania.

p.32 *painel*

Especialistas e educadores debatem sobre as possibilidades do emprego da arte na educação e na construção da cidadania.

p.40 *artigo*

Naomi Moniz resgata seu primeiro encontro com Denise Milan e reflete sobre o significado de sua obra.



Foto: Levi Mendes Jr

p.8

Foto: Lucas Mandacaru

p.22



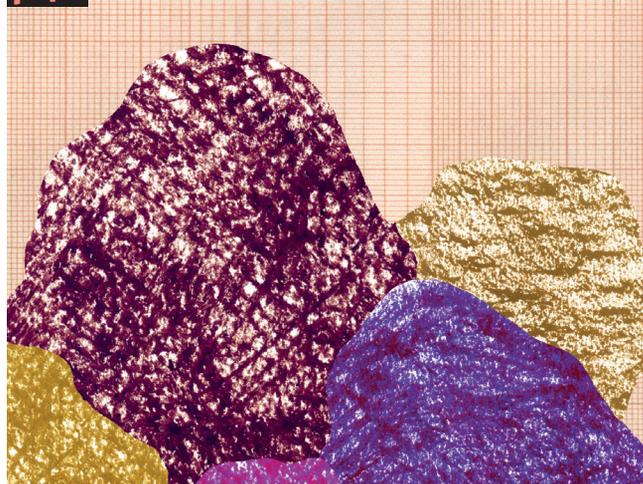
Foto: Alexia Santi

p.26



Ilustração: Fernanda Simionato

p.40



Expediente

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

COMUNICAÇÃO SOCIAL: Ivan Paulo
Giannini TÉCNICO-SOCIAL: Joel Naimayer
Padula ADMINISTRAÇÃO: Luiz Deoclécio
Massaro Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE
PLANEJAMENTO: Sérgio José Battistelli

Cadernos Sesc de Cidadania
Arte e Ação Comunitária

GERÊNCIA DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIA:
Juliana Braga de Mattos ADJUNTA: Nílva
LUZ ASSISTENTE: Kelly Teixeira GERÊNCIA
DE ARTES GRÁFICAS: Hélcio Magalhães
ADJUNTA: Karina Musumeci ASSISTENTES:
Rogério Ianelli, Denis Tchepelentyky
PRODUÇÃO DIGITAL: Marilu Donadelli
Vecchio, Ana Paula Fraay GERÊNCIA DE
RELAÇÕES COM O PÚBLICO: Milton Soares
de Souza ADJUNTO: Carlos Rodolpho
T. Cabral PORTAL SESC SP: Malu Maia
GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO ADMINISTRATIVA:
Roberto Duarte Pêra ADJUNTA: Elvira de
Fátima P. Troiano

PRODUÇÃO DO CONTEÚDO POR: Denise
Milan Produções Artísticas SUPERVISÃO
EDITORIAL: Naomi Moniz EDIÇÃO:
Adília Belotti TRATAMENTO DE IMAGEM:
Marcus Vinicius Furtado ASSISTENTE
EDITORIAL: Lizia Ymanaka Barretto
REPORTAGEM: Ivonete Lucirio
ENTREVISTAS COM Laura Greenhalgh,
Vladimir Bulovic, Jerome Friedman
e Tom Lovejoy por Naomi Moniz

EDITOR: Renato Essenfelder PROJETO
GRÁFICO: Marcio Freitas REPORTAGEM:
Gabriel Vituri DIAGRAMAÇÃO: André
Augusto Rodrigues Traverso,
José Gonçalves Jr.

A revista Cadernos Sesc de Cidadania
é uma publicação do Sesc São Paulo.
Distribuição gratuita. Nenhuma
pessoa está autorizada a vender
anúncios.

Versão on-line em sescsp.org.br

Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000
Tel.: 11 2607-8255

sescsp.org.br



PLATAFORMAS PARA EDUCAR

Gerência de Artes Visuais e Tecnologia

A AÇÃO DO SESC DECORRE DE VARIADAS EXPERIÊNCIAS NO CAMPO CULTURAL, tendo a ação educativa presente no cerne da instituição desde a sua criação em 1946. A “Carta da Paz Social”, documento elaborado por líderes empresariais e cujos princípios iriam inspirar a criação da entidade, já coloca como prerrogativa o resultado de uma “obra educativa, através da qual se consiga fraternizar os homens, fortalecendo neles os sentimentos de solidariedade e confiança”.

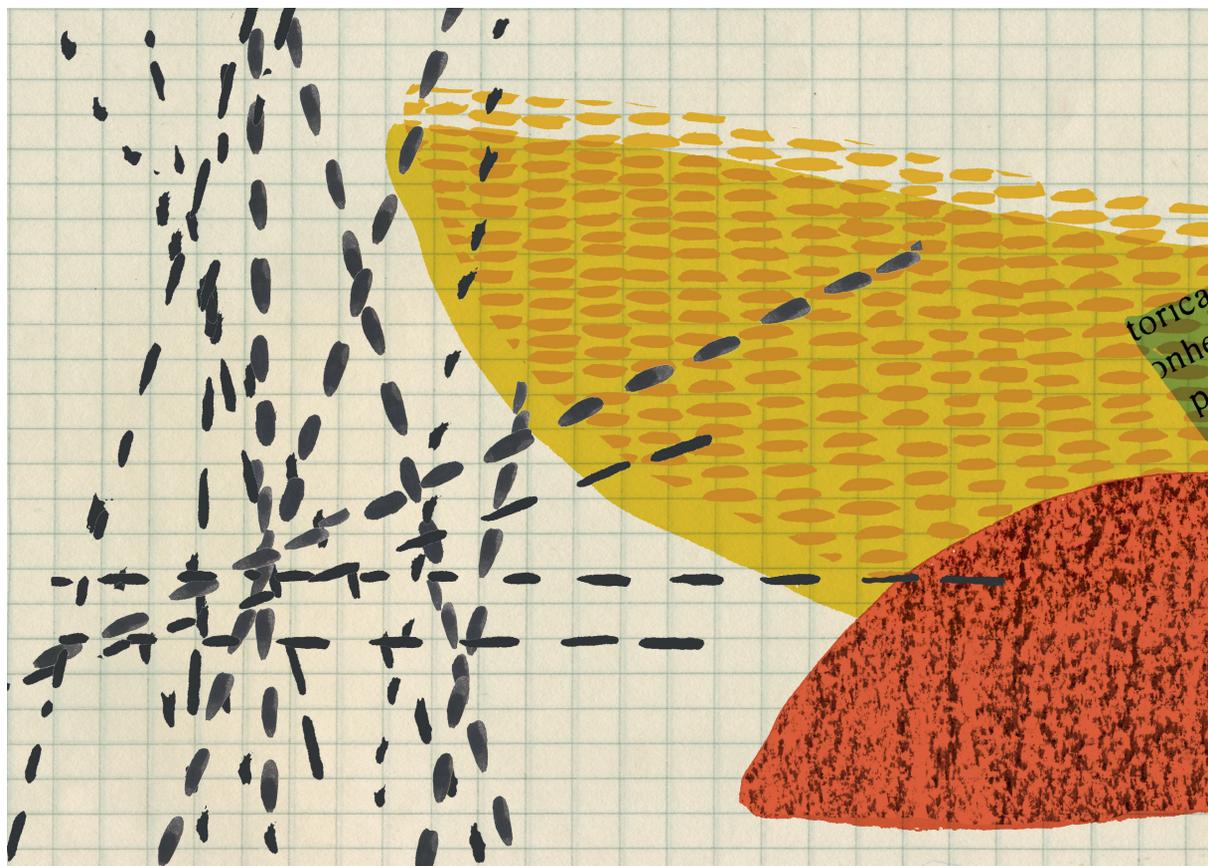
Para alcançar esses objetivos, a instituição lançou mão de diversas possibilidades de atuação junto com o público prioritário – os trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo –, mas também com as comunidades por onde passou e/ou se instalou. Até o final da década de quarenta, o trabalho do Sesc destacava-se por um cunho médico-assistencial, correspondendo à carência de recursos da sociedade brasileira em relação à saúde pública e à proteção da saúde do trabalhador, mas já apresentava em seus primeiros relatórios outros tipos de atividades proporcionadas pelos chamados educadores sociais.

Em consonância com as discussões da época, o ICOM (Conselho Internacional de Museus) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) trazia à luz, já em 1951, o papel educativo dos museus, entendendo educação como ponto indissociável da cultura.

No campo cultural, embora o Sesc não se configure como museu, muitas de suas ações se assemelham à própria definição de museu proposta pelo ICOM, que o define como “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”. Entre os pontos convergentes com tal definição, destaque-se não apenas o fato do Sesc manter uma coleção de obras de arte dispostas ao público em todas as suas unidades, mas a amplitude de sua ação, que oferece a públicos de variadas faixas etárias e estratos sociais programações ligadas aos diversos campos artístico-culturais, com um forte viés inclusivo e educativo – aspectos estes que se manifestam fundamentalmente pela crença no papel da arte de favorecer o crescimento humano por meio de experiências de fruição duradouras e significativas.

A ideia de que cultura e educação formam um binômio indissociável é, portanto, um ponto fundante para a instituição, aspecto sublinhado principalmente a partir dos anos 1980 – momento em que as dinâmicas socio-educativas de sua ação cultural ganham força e lastreiam sua própria expansão no seio institucional. Estruturalmente, esta

A Gerência de Artes Visuais e Tecnologia do Sesc São Paulo é responsável pela coordenação do programa de exposições, incluindo as ações de caráter educativo.



A ideia de que cultura e educação formam um binômio indissociável é um ponto fundante para o Sesc

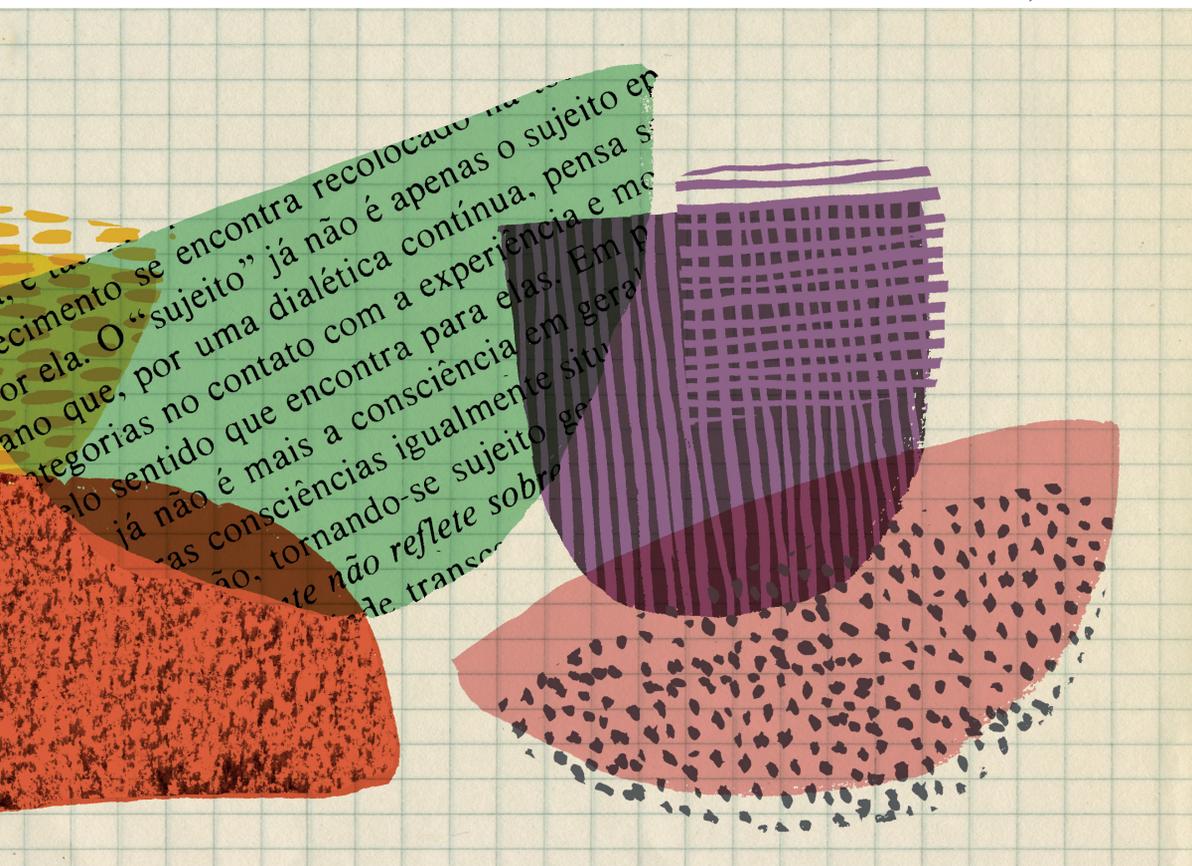
conjugação é identificada no aprimoramento dos espaços voltados à arte e no diferencial dos espaços de acolhimento de público, identificados como áreas de convivência. Entre elas, especial atenção foi conferida à presença de exposições nestes locais em busca de uma franca aproximação com os frequentadores das unidades. Nesse sentido, é possível enxergar esse partido como contraponto a um certo hermetismo que as instituições museológicas ainda enfrentavam na sociedade brasileira, buscando como efeito colateral a maior aproximação com variados públicos.

Inicialmente, a função dos museus era associada exclusivamente à salvaguarda e à exposição das peças para pesquisadores e especialistas. À medida que o público começa a ter acesso a esses espaços, surgem também as primeiras iniciativas voltadas à educação patrimonial e a utilização do objeto como propulsor para a aprendizagem.

No Brasil, as primeiras experiências educacionais em museus são localizadas no Museu Nacional do Rio de Janeiro, na década de 1920. No estado de São Paulo, as ações do Museu

Paulista estavam ligadas à ideologia de constituição de uma identidade nacional. Nos museus de arte, uma das pioneiras desse trabalho foi Suzana Rodrigues, que criou, em 1948, o Club Infantil de Arte no MASP, um espaço de ensino de arte para crianças. Com a criação da Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, se instaura um importante processo educativo no campo das artes visuais. Sob a perspectiva do ensino da história da arte, Wolfgang Pfeiffer, um destacado museólogo alemão, cria em 1953 o primeiro curso para monitores da Bienal.

No Sesc, o surgimento das ações educativas ligadas ao universo das exposições se deu de maneira distinta ao verificado no campo dos museus, vinculando-se menos à presença de “monitores” no espaço expositivo mas à própria concepção conceitual da programação. Esta abordagem pode ser verificada principalmente na aproximação com temas centrais da tradição popular brasileira, numa espécie de resgate histórico das formas criativas com que o povo brasileiro manifestava-se na arte e no artesanato, mas também



nas chamadas exposições temáticas – que com o advento do Sesc Pompeia, e as ideias libertárias da arquiteta Lina Bo Bardi, jogaram luz à força dos traços culturais presentes na identidade nacional e à ludicidade como uma forma potente de interação e diálogo com o público.

Por muito tempo, alinhado ao conceito de arte-educação proposto por Ana Mae Barbosa, e o que se convencionou chamar de Abordagem Triangular - reunindo pontos fundantes do ensino-aprendizagem da arte, como a fruição, a contextualização e o fazer artístico -, o Sesc configurou sua ação no campo da mediação cultural, em consonância também com outras teorias para além da recepção de grupos nas exposições, com uma grade significativa de oficinas e cursos, teóricos e práticos, com o objetivo de desenvolver a percepção para os códigos da arte e uma visão crítica sobre a produção artística contemporânea.

Para o Sesc, o ato de visitar uma exposição ou participar de algum dos processos da chamada arte-educação é um momento especial, por proporcionar encontros e diálogos com expressões e pensamentos reunidos a partir do trabalho

de um ou mais artistas, organizados sob determinados pretextos poéticos. Parte-se da ideia de que o espaço, por si só, pode ser um facilitador dos processos de aproximação e apreensão de conteúdos, já que a atmosfera que se cria no entorno de uma obra de arte também influencia a fruição do espectador. Da mesma forma, o educador atua na perspectiva de criar e propor situações de fruição e aprendizagem a partir do diálogo e troca. A arte-educação, nesse sentido, não é meramente a transmissão de conhecimento ou tradução de um conteúdo, mas o estímulo à participação ativa e criativa do espectador, contribuindo para possíveis construções de sentidos. Em sua política cultural e educativa, o Sesc tributa especial força na permanência dos processos em arte, o que se traduz em favorecer o convívio de seus visitantes e frequentadores com a produção artística contemporânea - seja pela sistematização de exposições, pelo oferecimento de cursos ou pela disponibilização de seu acervo de arte nos espaços de circulação - almejando, assim, constituir-se como plataforma permanente e ativa de processos para a educação. ■

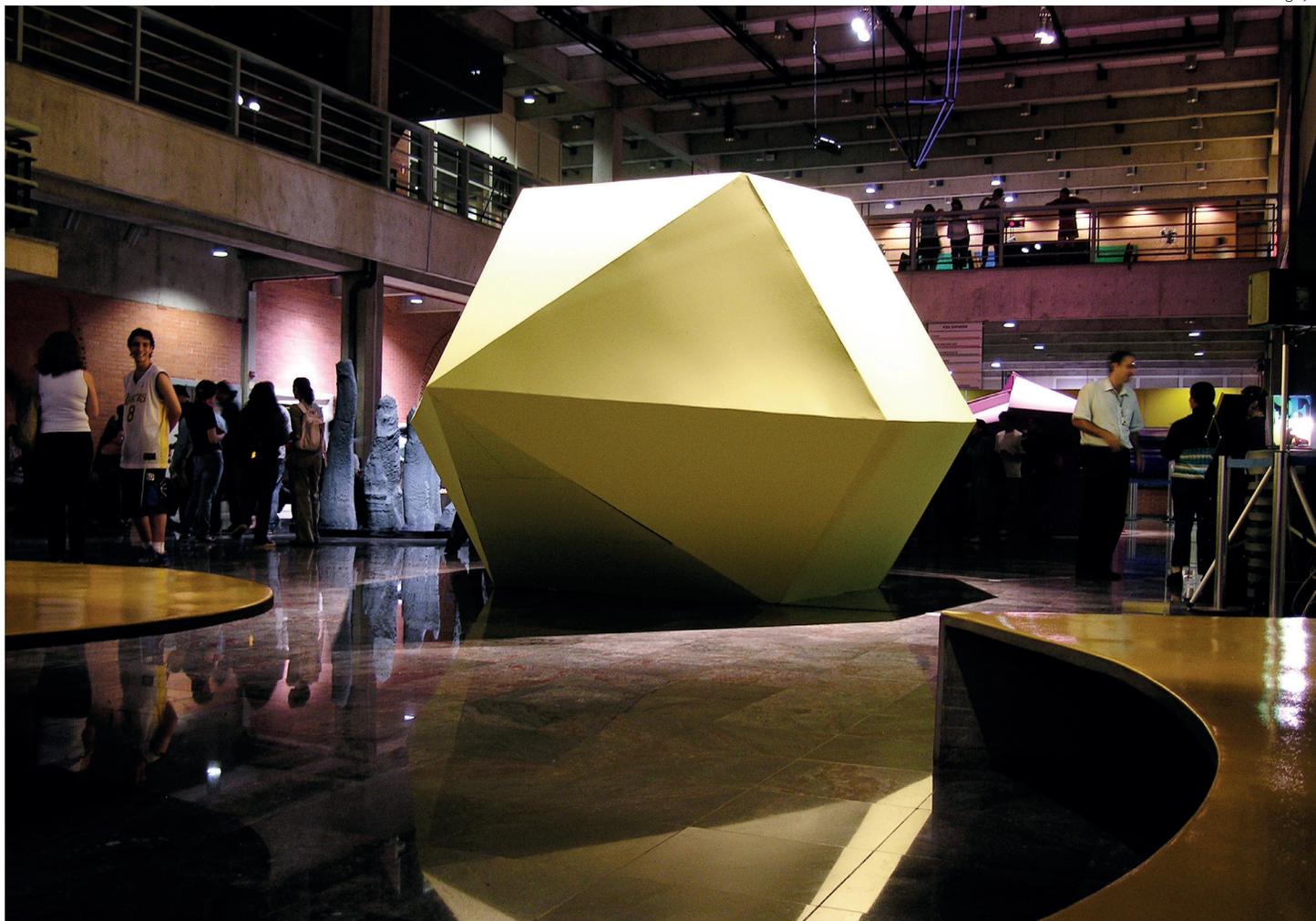
A arte-educação não é meramente a transmissão de conhecimento ou tradução de um conteúdo, mas o estímulo à participação ativa e criativa do espectador



reportagem especial

Projeto leva às comunidades da periferia de São Paulo a possibilidade de desenvolver novas formas de expressão baseadas na gênese e nas transformações das rochas.

O CAMINHO DAS PEDRAS



Quartzo, 2006, pedra e madeira. Pedras, 2007; Sesc Araraquara

As pedras não são objeto morto, elas falam. Mais do que isso, as pedras até choram, como expressou o poeta latino Tito Lucrécio Caro (século I a.C), em seu poema “Da natureza das coisas”. E a artista plástica Denise Milan consegue compreender perfeitamente o discurso desses seres minerais no seu sentido mais amplo como seres que são a origem da Terra e base de nossas conexões com a natureza. Como fiel porta-voz desse universo, ela manifesta o desejo de que todos entendam o que as rochas têm a contar, convidando a uma reflexão sobre o quanto essas vozes tratam de uma rede comum da qual os humanos também são parte. Para fazer compreender a voz

das pedras, Denise criou uma série de eventos, seminários, exposições e um amplo projeto de arte-educação que envolveu diversas comunidades carentes, milhares de pessoas, educadores e artistas, por uma década desde seu início.

A cabeça da artista plástica é uma usina de ideias centradas na concepção do antropomorfismo da pedra, que tem na sua origem mais primitiva o carbono, o elemento primordial que forma tudo, inclusive o corpo dos humanos (e dos animais em geral). A artista partiu desse princípio para montar o primeiro evento que, nos anos seguintes, desencadearia uma série de outras ações e culminaria

em um importante processo de arte-educação.

Em 2005 intensificou-se em Rondônia um conflito entre os índios Cintas Largas e os garimpeiros que extraíam diamantes nas terras indígenas. A tensão aumentava dia a dia, o que resultou em várias mortes para ambos os lados, espancamentos e sequestros. É claro que não se pode colocar de lado o interesse comercial envolvido nessa disputa pelas riquezas que aquelas terras guardavam. Mas Denise apropriou-se do assunto de outra forma. Sua intenção ia para além da beleza da arte, ela queria ajudar a despertar uma discussão mais de fundo sobre a tolerância e a diversidade cultural.

Afinal, como deve ser o comportamento do homem ao perceber-se um hóspede do planeta? “Muitas vezes os seres humanos agem como se o planeta fosse uma fonte inesgotável, e não uma pedra viva que responde ao que é feito com ela, principalmente à destruição”, comenta a artista.

Desde aquele momento, Denise assumiu um papel de egrégora – a força criativa agregadora das energias físicas, emocionais e mentais, que ela transformou em personagem de um de seus projetos, Agrégora. Desde então vem reunindo importantes colaboradores para auxiliá-la no desenvolvimento destas reflexões. Uma de suas parceiras é Olga Mattos, filósofa, escritora e pesquisadora das ciências humanas, que captou o interesse da artista. Juntas elas desenharam e fizeram a curadoria de um evento viabilizado em parceria com o Sesc, que ajudou na formatação do seminário *Gemas da Terra*, no convite aos participantes, além de disponibilizar o espaço do Sesc Vila Mariana para os debates.



“Muitas vezes os seres humanos agem como se o planeta fosse uma fonte inesgotável, e não uma pedra viva que responde ao que é feito com ela, principalmente à destruição.”

Denise Milan, artista multidisciplinar

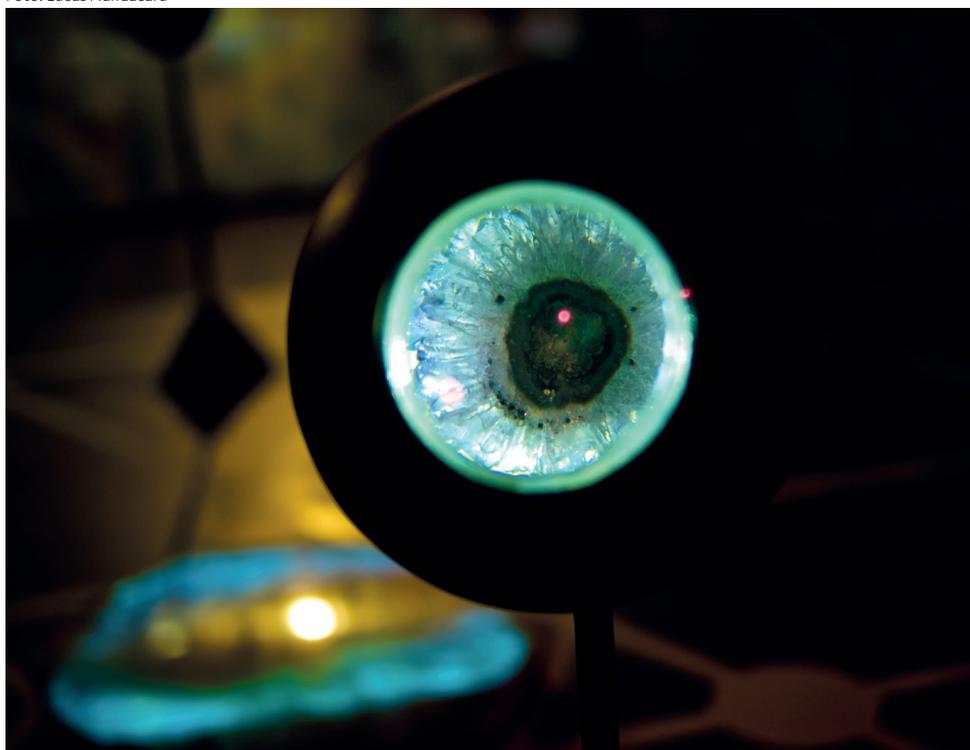


Na ocasião, a acolhida foi possível porque já havia se desenvolvido uma história de confiança que se estendia por mais de dez anos entre a artista e a instituição. A relação teve início em 1995, com a realização do 1º. Seminário Internacional de Arte Pública, sucedido por um 2º Seminário em 1996. Esses eventos reuniam arquitetos, empresários, historiadores, críticos e outros profissionais com o objetivo de debater a arte pública, tanto em sua perspectiva conceitual como do ponto de vista prático. Foram discutidas as definições, a evolução histórica do conceito, diferentes formas de financiamento, além de haver espaço para o relato de experiências desenvolvidas no Brasil e no exterior. O processo todo foi registrado no livro *Arte Pública*, publicado em 1998.

Uma década depois do primeiro encontro de arte pública, o seminário *Gemas da Terra*, que durou três dias, conseguiu reunir num mesmo espaço especialistas que trataram da questão da exploração da natureza, propiciando a oportunidade para que fosse vivenciado o encontro entre as culturas. Dezenas de estudiosos passaram pelo evento naqueles três dias. Nomes consagrados, como Adone Agnolin, historiador das religiões, a antropóloga Carmen Junqueira, os professores de mineralogia Sonia Maria Barros de Oliveira e Darcy Pedro Svizzero, o ensaísta Jean Galard, os filósofos Marilena Chaui e João Quartim de Moraes e o historiador da arte Jorge Coli, reuniram-se para pensar essas questões fundamentais de um ponto de vista multidisciplinar.

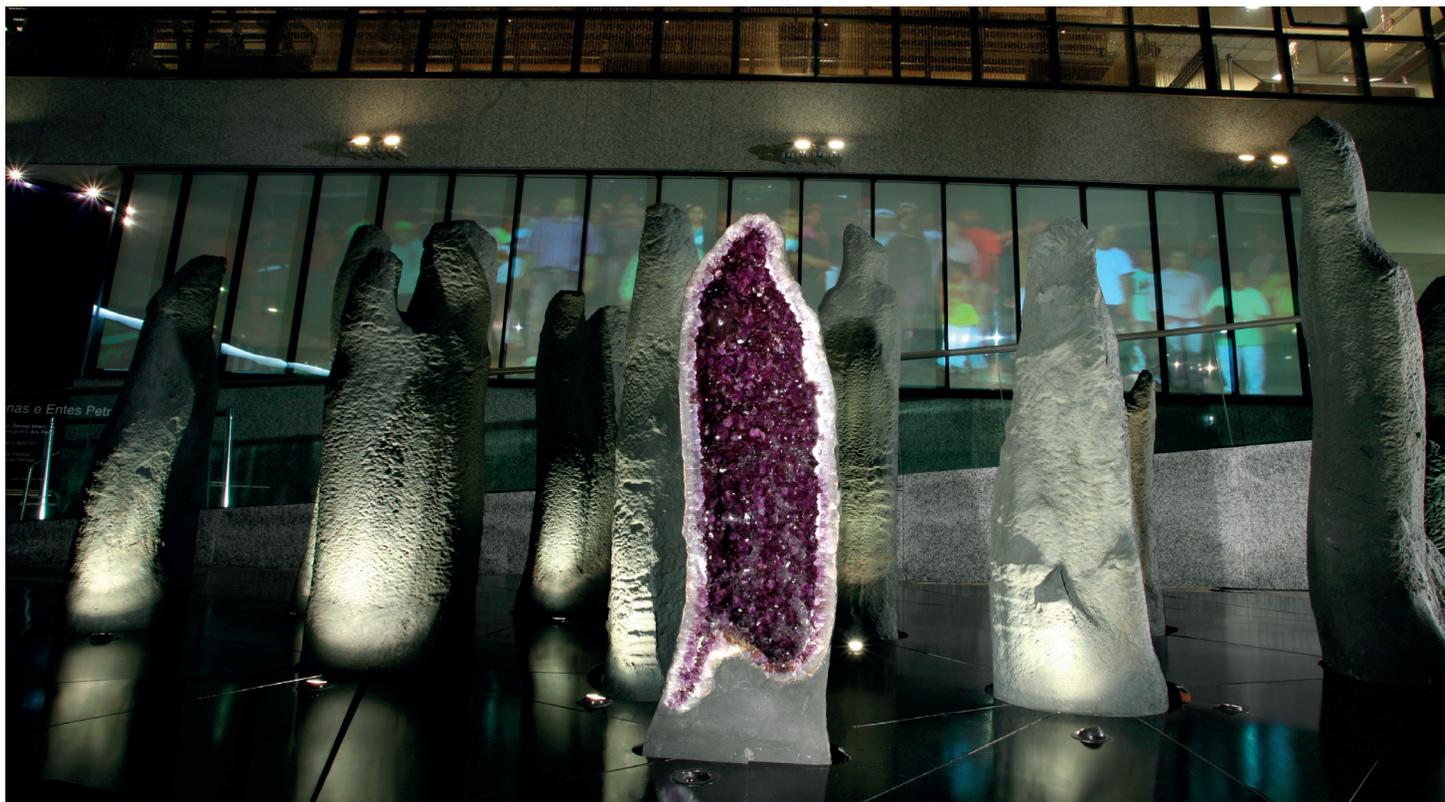
No encerramento dos trabalhos, cinco índios do povo Ikolen-Gavião, vindos de Rondônia, encenaram o nascimento da Terra a partir da rocha. Uma lenda desse povo conta que os homens nasceram e viveram por muito tempo dentro de uma pedra e isso foi representado por meio de uma dança circular, realizada na praça da unidade. Os participantes foram convidados a se

Foto: Lucas Mandacaru



Coração de ametista, 2010. Instalação multimídia; Sesc Ipiranga.

Foto: Levi Mendes Jr



Obra *Entes Pétreos*, 2006; Sesc Pinheiros

envolverem com a cerimônia e pouco a pouco o próprio público foi se apropriando da celebração e se abrindo à possibilidade de um diálogo entre a Natureza e os seres que habitam o planeta.

Embora a arte de Denise nasça de seus momentos de contemplação do universo dos seres minerais, a obra resultante tem características interativas, que pressupõem a participação do público. “Por isso, sempre proponho performances, um ritual contemporâneo que permite às pessoas se alinharem na mesma vibração”, comenta.

O seminário considerou as relações entre o homem e a natureza, e entre homens de diferentes culturas, e despertou um processo que, no futuro, levaria a artista a refletir melhor sobre a analogia entre o ovo de pedra azul e a Terra. A pedra azul é um mineral com mais de 750 milhões de anos, encontrado tanto no

Brasil quando na África, e que reforça a teoria da Pangeia, que pressupõe que os continentes um dia estiveram unidos. O encontro discutiu a aceitação da diversidade, os limites do exercício da tolerância e as questões da hospitalidade e da dissolução de conflitos.

“Tocamos na questão da proteção da natureza de uma forma praticamente inédita até aquele momento. A sociedade ainda não estava bem preparada para isso, foi algo inovador, que pode ter pautado muitas das discussões seguintes, inclusive as atuais”, conta Olgária Mattos. O livro *Gemas da Terra – Imaginação estética e hospitalidade*, organizado por Denise e por Olgária (Edições Sesc) foi publicado em 2012 e traz a memória das discussões que ocorreram naqueles dias, tendo por objetivo ampliá-las.

Gemas férteis

Os desdobramentos desse evento mostraram como a pedra, aparentemente inerte e morta, pode ser rica e fértil. As *Gemas da Terra* frutificaram e, no ano seguinte, foi concebido o DVD *Ópera das Pedras – Primeiras vozes*. A Ópera foi inspirada no mito de criação dos índios Ikolen Gavião, de Rondônia, e junta passado e futuro, tentando encontrar soluções para problemas que o Brasil precisava encarar naquele momento, e que infelizmente permanecem atuais, como a exploração de ricas minas que existem nos subterrâneos das terras das nações indígenas.

A montagem começou com uma equipe de jovens cineastas que trabalharam diretamente com Denise. À medida que o projeto foi ganhando corpo, diversos artistas foram se agregando, como o músico Marco Antônio Guimarães, a escritora Irene Machado e o artista Ary Perez. “Meu



“Tocamos na questão da proteção da natureza de uma forma praticamente inédita até aquele momento.”

Olgária Mattos, filósofa e pesquisadora

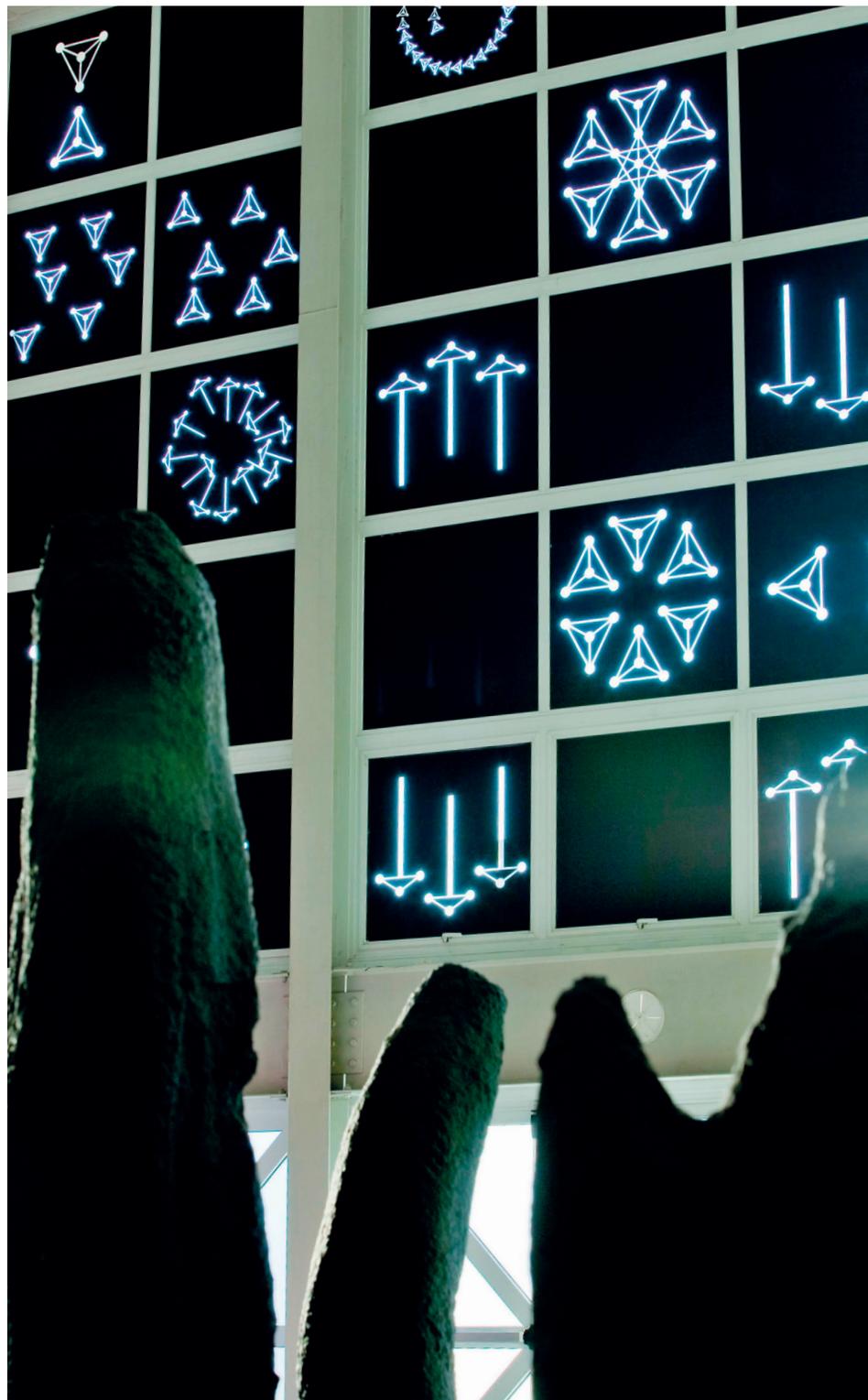


estúdio se transformou em uma caverna, uma espécie de laboratório, para permitir a realização da *Ópera das Pedras – Primeiras Vozes*, conta Denise. O DVD foi lançado pelo Selo Sesc.

A obra expandiu-se no tempo e no espaço, com uma teia de relações e projetos inusitados. Nos anos seguintes, Denise criou as instalações *Entes Pétreos*, *Cenas Pétreas* e *Olho Quartzos*, que circularam nas unidades do Sesc Pinheiros, Araraquara e Santo André.

A discussão saltou do DVD para o palco. *Ópera das Pedras – Espetáculo da Terra*, encenada em 2010 no Sesc Ipiranga, foi o passo seguinte nessa trajetória de Denise de se apropriar do mundo e do imaginário das pedras para transcendê-lo e transformá-lo em algo maior, tanto em tamanho quanto em significado. Tratava-se de uma peça experimental na qual artistas interpretavam composições feitas especialmente para o espetáculo por André Mehmari, Badi Assad,

Foto: Levi Mendes Jr



Obra *Entes Pétreos*, 2006; Sesc Santo André, 2008.
Instalação *Ópera das Pedras*, 2008; Sesc Santo André.
Instalação *Hieróglifos Quarzos*, 2008; na janela, Sesc Santo André, 2008.

Foto: Levi Mendes Jr



Índios Ikolen Gavião em performance junto à instalação *Entes* (2005), realizada por ocasião do Seminário Internacional Gemas da Terra, organizado por Denise Milan e Olgária Matos, Sesc Vila Mariana.

O Espetáculo da Terra ganhou uma dimensão muito maior que a do palco e transformou-se em um projeto de arte-educação que construiu junto a várias comunidades carentes uma oportunidade de discutir assuntos relevantes e caros ao ser humano

Carlinhos Antunes, Clarice Assad, Marco Antônio Guimarães e Naná Vasconcelos. Voltado para um público adulto, o espetáculo fazia uma reflexão sobre a vida humana a partir de um universo mítico.

Denise recorreu a uma dramaturgia experimental para romper com o formato clássico da ópera, como ao misturar música erudita à popular. Além disso, no centro da história, as pedras brilhavam como protagonistas. Agrégora, uma ametista de 130 milhões de anos, era o personagem principal, que se envolveu em um embate de épicas proporções, para revelar a transformação da matéria, do magma líquido que preenche as camadas mais profundas da Terra até a pedra de quartzo. As metamorfoses do quartzo ao longo de sua trajetória desde a separação do basalto permitem uma analogia com a evolução de cada indivíduo. O drama da matéria serve para exemplificar a luta entre o

bem – representado pelo quartzo – e o mal – simbolizado pelo basalto. A partir daí é possível fazer uma analogia com a vida, seus sucessos, fracassos, relações de amor e de ódio.

Como parte do evento, a instalação *Coração de Ametista*, que contou com a curadoria de Cléo Miranda, trazia efeitos multimídia que faziam um convite ao público para percorrer as camadas da pedra, sempre indo mais fundo, até penetrar no universo da matéria cristalina.

O projeto não era contido em si mesmo e em seu interior foi sendo gestado algo de maior alcance, que iria afetar não apenas o público comumente apreciador das artes plásticas, mas também aqueles que viviam confinados em uma realidade bem distante do cenário artístico legitimado pelas instituições. *O Espetáculo da Terra* ganhou uma dimensão muito maior que a do palco e transformou-se em um projeto de arte-educação

que construiu junto a várias comunidades carentes uma oportunidade de discutir assuntos tão relevantes e caros ao ser humano. A arte pouco convencional de Denise ofereceu um suporte adequado para uma experiência nesse sentido graças a sua vinculação com valores e ideias contemporâneas, como ecologia e a ocupação com o ambiente.

No seu primeiro ano, em 2010, o *Espetáculo da Terra* envolveu os moradores da comunidade de Heliópolis, que abrigava cerca de 100 mil habitantes e 20 mil famílias, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mais da metade dessas famílias vivia em condições precárias de saneamento e segurança. ■



Obra *Entes*, 2005, na entrada do Sesc Vila Mariana

A GÊNESE DO QUARTZO

Denise explica a visão que deu origem à Ópera, aos cortejos e ao *Espetáculo da Terra*: nas camadas derretidas de rocha que circulam no interior da Terra, os mais diferentes minerais se misturam. Quando esse material vem à tona na forma de lava, a tendência é que esses minerais se separem e preencham as cavidades que vão se formando dentro de bolhas de ar. Basalto e quartzo disputam esses espaços. Os líquidos se solidificam. Quando é o quartzo que consegue entrar na bolha, constitui-se uma

estrutura no seu interior com uma casca amorfa, revestida por microcristais de ágata e, finalmente, preenchida pelos cristais de quartzo.

“A ópera representa o drama da matéria. O quartzo simboliza tudo o que é positivo, imortal. Já o basalto, instável, simboliza a mortalidade, aquilo que se desfaz”, conta Denise. Na natureza, o processo de transformação do quartzo envolve várias etapas. Denise se inspirou nelas e criou personagens representativos de cada uma, poderosas alegorias de sentimentos humanos,

como o medo, a confusão, a necessidade de ordem, a luta contra as sombras e os enganos. É dos desafios e das aventuras de Agrégora, Solser, Malassombras, Konfuso, Ordenatrix, Violetalux, que se alimenta o *Espetáculo da Terra* e a imaginação de adultos e crianças. “É importante lembrar que basalto e quartzo coexistem tanto na natureza quanto em minha obra. Não formam uma dualidade. Apesar de divergirem, eles se complementam e coexistem, integrados por toda eternidade”, completa a artista.

Estrela XXXI

2012, c-prints sobre alumínio

90 x 60 cm

Exposição *Mist of the Earth (Fumaça da Terra)*, realizada no Chicago Cultural Center, na cidade de Chicago, Estados Unidos, entre julho de 2012 e janeiro de 2013.

Denise Milan

escultora e artista multidisciplinar paulistana, possui obras expostas em cidades como São Paulo, Brasília, Londres, Nova York, Chicago, Paris e outras ao redor do mundo.

“O ciclo da vida e da morte tal como ele acontece na mata não é nem bom nem ruim, mas é como as coisas vão se sucedendo... e, de alguma forma, essa conjugação dos elementos das matas brasileiras na exposição *Fumaça da Terra* transforma esses seres do dia a dia em entidades da Terra, entidades sagradas.”







Estrela XXIII
2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



Estrela I
2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



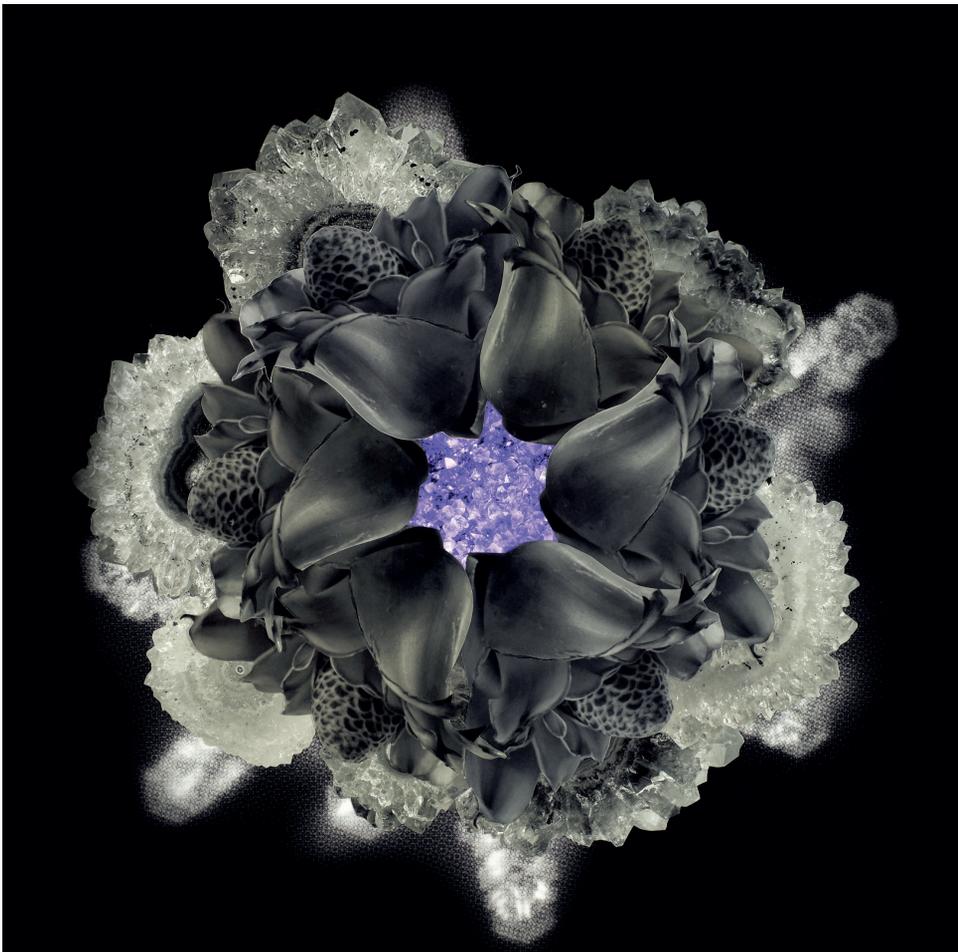
Estrela VI
2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



“ As obras mexem com o público não porque elas trazem aspectos brasileiros, mas por suas questões universais. Claro que o brasileiro exótico também está presente, mas o que é relevante são as questões existenciais que atravessam minha obra onde os temas construídos a partir de imagens brasileiras ganham outra amplitude. Não se trata apenas de conhecer o outro, mas principalmente de reconhecer a si mesmo. ”

Estrela XXVIII

2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



Estrela XIX

2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



Estrela XVII

2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



Estrela XXIX

2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



Estrela XXI

2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



Estrela X

2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm

“ A trajetória da ametista mostra a alma da Terra. E essa alma ora vai para a rua, ora vai para a comunidade. ”

“ A pedra é reveladora como processo de transformação. As pessoas pensam: se a pedra pode se transformar, por que eu não posso? ”



Estrela III

2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm



Estrela XVIII

2012, c-prints sobre alumínio. 90 x 60 cm

Foto: Lucas Mandacaru



Instante do espetáculo *Ópera das Pedras* (2010): em cena, Badi Assad como Agrégora, com César Dias e Rubens de Oliveira.

O quartzo é uma metáfora da possibilidade de diálogo

Wendy Woon, vice-diretora do Centro de Educação Edward John Noble, do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), e Denise Milan falam sobre arte e construção da cidadania

Denise Milan tem uma visão: as pedras são metáforas para as transformações que ocorrem nas vidas humanas. Em cima dessa visão vem construindo sua arte desde 1986. “O quartzo é para mim a metáfora de uma possibilidade de diálogo porque está presente em 90% da Terra, é parte da nossa identidade planetária comum.”

Uma das pioneiras do movimento de valorização da arte pública no Brasil, Denise acredita nas possibilidades criativas do trabalho colaborativo e vem experimentando nessa área desde suas parcerias com Ary Perez, que resultaram em obras que se espalharam pela cidade de São Paulo, em locais que vão desde o Vale do Anhangabaú até museus como o de Arte Contemporânea e o de Arte Moderna. Sua marca nos espaços urbanos

“O quartzo está presente em 90% da Terra, é parte da nossa identidade planetária comum.”

Denise Milan

atravessou o continente e chegou aos jardins do Adler Planetarium de Chicago, nos EUA. Além disso, mandalas da artista fazem hoje parte do acervo da cidade de Assis, na Itália.

Sua mais recente exposição de fotos e fotocolagens, *Fumaça da Terra*, uma jornada da imaginação sobre os desafios que cercam a construção do desenvolvimento, que já esteve em cartaz em São Paulo, em Chicago, e viaja agora para o Brazil Institute do Wilson Center, em Washington.

Nessa entrevista, Wendy Woon, vice-diretora do Centro de Educação Edward John Noble do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), e Denise Milan falam sobre a experiência de aliar arte e cidadania.

Como você descobriu que era artista?

Pensei que seria matemática, mas depois de me formar em Economia fui estudar dança na Espanha, em 1979. Desenhar passou a ser desenhar no espaço: o corpo ocupando o espaço. Estudei com grandes artistas da dança espanhola e com mestres das artes visuais.

Desde o início, os trabalhos em parceria fazem parte do seu processo artístico. Esse estilo colaborativo começou com a participação de Ary Perez, seu ex-marido?

Não sabia como resolver a estrutura dos objetos tridimensionais que imaginava. Ary me ajudava a achar soluções. Um diálogo teve início, o trabalho tornou-se participativo. Não tenho todas as respostas, gosto que as pessoas façam suas contribuições. Minha primeira exposição individual foi de colagens e fez todo o sentido para mim a ideia de fazer parte de algo que já existia: não criamos as coisas, elas já foram criadas antes e podemos todos participar do grande ato da criação. Claro, um trabalho de parceria nunca é fácil, traz tensões, mas ajuda a encontrar soluções verdadeiramente criativas.

Você nasceu em São Paulo e gerações de sua família viveram no Brasil. Que aspectos do seu trabalho trazem ressonâncias do contexto brasileiro e quais são mais universais?

Meus avós libaneses, imigrantes, como tantos antes deles, imaginavam o Brasil como um lugar para realização de sonhos e é assim que eu também vejo. Um país com imensos recursos naturais – fauna, flora, minerais e pedras preciosas. Um lugar de exuberância, que não deve ser confundida com exotismo. Apesar da magnitude do seu potencial natural, existem muitos outros aspectos que precisam ser considerados: o extermínio das comunidades indígenas, a desigualdade de oportunidades, a construção de centros urbanos que distanciam as pessoas dos valores da natureza, o desmatamento e todas as práticas movidas pela cobiça. Há que mostrar essas cicatrizes enquanto preservamos

o paraíso e as maravilhas desse lugar. Compreender, não dominar. As mais belas pedras preciosas são encontradas no Brasil e meu trabalho é estudar suas geometrias e escutar o que a estrutura das pedras tem a nos ensinar.

Por que a “pedra azul”?

Os astronautas da Apollo 17, em sua viagem para a Lua, ao avistarem a circunferência inteira da Terra iluminada, exclamaram: “a Terra é uma bola azul”. Isso foi em 1972. Sabemos que a crosta terrestre é basicamente feita do que chamamos ‘pedra’. Essa pedra comum mesmo, o chão onde a gente pisa. Vivemos numa ‘pedra azul’. Imaginar essa pedra azul girando na imensidão do universo é compreender que somos parte de uma grande família, que existimos e estamos todos conectados no nosso planeta, partilhando da mesma experiência.

Foto: Lucas Mandacaru



Foto: Lucas Mandacaru



Cena do espetáculo de ópera contemporânea *Ópera das Pedras* (2010): em cena, Tiago Pinheiro como Solser, Badi Assad como Agrégora, e Wellington Nogueira como Corifeu.

“Vivemos numa ‘pedra azul’. Imaginar essa pedra azul girando na imensidão do universo é compreender que somos parte de uma grande família, que estamos conectados, partilhamos da mesma experiência.”

Mas existe, de fato, uma pedra azul que você apresenta como elemento de ligação entre o Brasil e a África?

A pedra azul é encontrada na Bahia e na Nigéria. É chamada Granito Azul Bahia ou Pedra Azul Real. Eu usei essa conexão na instalação *Améfrica* (2003). Nós temos que retomar o tempo conhecido como Pangea, quando Brasil e África eram unidos. Temos que valorizar essa memória da nossa origem comum. A “Pedra Azul” é uma ponte que nos permite voltar ao tempo em que compartilhávamos um mesmo princípio. Desconhecemos nosso começo e nosso fim. Devemos partilhar essa experiência de não saber. Não se trata de nossa identidade enquanto filhos de tal pai e tal mãe, mas da nossa identidade planetária. Esse é um espaço simbólico onde podemos partilhar uma mesma linguagem. O quartzo é

para mim a metáfora de uma possibilidade de diálogo porque está presente em 90% da Terra, é parte dessa origem e é uma estrutura que diz respeito a todos nós.

Além de você, muitos artistas hoje trabalham no que chamamos de “práticas sociais” e nesse sentido os meios propiciam uma interação com outras pessoas. A ideia é que a arte e os artistas podem ter um impacto poderoso e transformador na vida das pessoas. Você mencionou ter sido bastante influenciada pelo trabalho de Joseph Beuys, artista multimídia e performático alemão, cujas obras são impregnadas de conceitos humanistas, pedagógicos, filosóficos e antropológicos. Como ele se relaciona com seu projeto?

Penso, sobretudo, em um dos trabalhos que Beuys fez na Alemanha:

uma instalação de três mil pedras e sementes para reflorestamento. A natureza me inspira muito e pela arte ensino as pessoas a inserirem a natureza em suas vidas. Através do projeto de arte-educação *Espectáculo da Terra* em seis comunidades carentes em São Paulo, por exemplo, percebi o que Beuys queria dizer com “escultura social”. O universo mitológico das pedras que criei, suas origens e estruturas, encontra, de fato, uma ressonância dentro das comunidades em questão. Descobrir as conexões entre as vidas dessas pessoas e as metáforas presentes em meu trabalho foi a questão central do projeto.

Você é inspirada pela estrutura do quartzo, que oferece lições de vida e ensinamentos. O que podemos aprender ao olhar para as pedras?

A escultura *Entes* (2005) é um exemplo perfeito. Ela tem a forma de um ovo, símbolo da gênese e transformação. Ao examinar o interior de um geodo, estrutura oca cujas paredes são revestidas de cristais de quartzo ou de ametistas, percebemos muitas camadas desde sua formação há 130 milhões de anos. Ambos os elementos que formam o geodo – basalto e quartzo – têm origem na lava vulcânica, mas suas naturezas distintas os levam a se separar. Quando o quartzo penetra a bolha de ar no magma, começa a se cristalizar e a formar uma espécie de casca protetora que funciona como barreira para que o basalto não penetre. Debaixo da casca, dentro da bolha, o quartzo irá se organizar e tornar visível sua estrutura. Em resumo, na camada exterior há o caos enquanto na camada interna, a ágata, a estrutura da matéria

e sua visibilidade estão sendo definidas. É uma estrutura que podemos contemplar e aprender a reconhecer e que remonta à formação da Terra. Mesmo sem querer, observar esses fenômenos incita uma analogia com qualquer atividade ou circunstância da vida. Especialmente com processos criativos de caráter colaborativo. A narrativa original está lá e vai agregando as várias ideias. É isso que enriquece o trabalho coletivo.

Portanto esse trabalho nasceu de uma analogia com as estruturas das pedras?

O quartzo, enquanto metáfora, é meu ponto de partida. Essa visão artística me autorizou a atravessar as camadas da matéria e transformar seus estágios evolutivos em passos de conhecimento. Essa é a “linguagem das pedras”. ■

conheça mais



GEMAS DA TERRA
DENISE MILAN e OLGÁRIA MATOS
Edições Sesc São Paulo | 2010 | 394 p.

Este livro compila o seminário realizado em 2005, em que estudiosos da geologia, antropologia, filosofia, psicanálise, literatura, artes plásticas e história projetam e discutem uma ponte entre nossas origens e a possibilidade objetiva da paz cósmica e ética.



DVD ÓPERA DAS PEDRAS
DENISE MILAN e MARCO ANTONIO
GUIMARÃES
Selo Sesc | 2006 | 27 min.

A partir da natureza das pedras, conta-se a história da Terra e seus processos de criação, que se desdobram em sentidos artísticos, científicos, metafísicos e poéticos. Neste registro do espetáculo criado por Denise Milan, a música foi composta por Antônio Guimarães, fundador do Grupo Uakti.



CD ÓPERA DAS PEDRAS
O espetáculo da Terra
DENISE MILAN
Selo Sesc | 2011 | 58 min.

O CD traz o repertório composto originalmente para o espetáculo homônimo, uma criação da diretora Denise Milan, apresentado no Sesc Ipiranga em maio de 2010, e que trata o imaginário da pedra, mostrando a Terra como sujeito da própria vida.

Disponíveis nas unidades do Sesc e no Portal sescsp.org.br/livraria

Foto: Alexia Santi



Por um mundo precioso

O *Cortejo das Vidas Preciosas*, acontece desde 2010 em São Paulo

Reportagem: Gabriel Vituri e Ivonete Lucirio
jornalistas

“O que é precioso pra você?” Estampada na camiseta de centenas de crianças e adolescentes que se aglomeravam pelas vielas de Heliópolis, bairro da zona sul de São Paulo, a pergunta podia até parecer ingênua. Na prática, porém, a resposta demandou um processo de transformação e identificação tão complexo quanto as metamorfoses pelas quais passam as pedras que há muitas eras povoam o planeta. “É necessário entender a estrutura do coração para entender as pedras”, explicava uma folha de papel escrita à mão, pregada na roupa de um garoto com aparência de oito anos de

idade, boné vermelho na cabeça e um tênis de futebol no pé.

A quarta edição do *Cortejo das Vidas Preciosas*, que encheu de cores os espaços da comunidade, ocorreu no dia 13 de junho de 2013. Pelos estreitos e sinuosos caminhos de Heliópolis, cerca de 600 jovens – monitorados por educadores – caminharam juntos. Empunhando balões multicoloridos, eles consolidavam ali um trabalho de muitos meses, feito com a ajuda do Centro da Criança e do Adolescente (CCA) da região. A iniciativa baseava-se em uma analogia poética desenvolvida ao longo dos anos pela artista Denise Milan: as transformações do quartzo na



O *Cortejo das Vidas Preciosas* surgiu como resposta possível a reflexões muito contemporâneas, como a questão do meio ambiente e da luta histórica pela preservação das riquezas do Brasil



natureza podem ser usadas como metáfora para as mudanças que correm nas vidas humanas.

Experiência de arte pública

O *Cortejo das Vidas Preciosas* havia sido realizado pela primeira vez em 2010, com um roteiro mais amplo, que incluía uma manifestação no Parque da Independência, em São Paulo. A escolha do monumento que relembra o instante em que Dom Pedro I proclama a libertação da colônia do Brasil do domínio português não era acidental. Ao contrário. “Intervir nos marcos da cidade é uma das formas da arte preencher com novos significados esse acervo simbólico”, explica Denise Milan.

“As crianças e adolescentes ocupavam o parque com uma proposta de reinventar a história do Brasil e representar a vida humana valorizada – não como uma pedra preciosa que só tem valor quando é extraída de seu contexto, mas como algo próprio, concreto e possível”, lembra Denise, sobre as edições inaugurais do Cortejo. “O olhar de quem não vê se transforma em olhar visionário, conectado com a Terra, a natureza, as pessoas e suas vidas, mesmo aquelas em geral esquecidas”, completa a artista.

Esses dois primeiros cortejos, realizados em 2010 e 2011, foram exitosos, sobretudo do ponto de vista do engajamento das comunidades envolvidas com a proposta: Heliópolis, Grajaú, Jaguaré, Interlagos, Osasco, Pinheiros, Santana, Itaquera.

Gênese de um trabalho coletivo

Desdobramento da *Ópera das Pedras*, uma apresentação multimídia de Denise Milan criada em 2006, o *Cortejo das Vidas Preciosas* surgiu como resposta possível a reflexões muito contemporâneas, como a questão do meio ambiente e da luta histórica pela preservação das riquezas do Brasil. A série de projetos da artista baseados nessa metáfora das pedras abordava o mesmo tema que



Cortejo das Vidas Preciosas (2010), no Parque da Independência, São Paulo.

as crianças dos CCAs vinham trabalhando: a integração entre o ser humano e o planeta Terra, representado – na visão da artista – como a grande Pedra Azul. No caso dos jovens de Heliópolis e de outras regiões periféricas da cidade, a caminhada e os trabalhos ganhavam uma conotação ainda mais forte: “Quando essas crianças têm uma vida valorizada, o poder de evoluir é reintroduzido no cotidiano delas, o sonho volta a ser uma possibilidade”, analisa Denise.

Um projeto de arte-educação

Era 2009 quando Carla Govêa, analista técnica educacional que desenvolve atividades educativas no SESI há cerca de duas décadas, teve o seu primeiro contato com a *Ópera*. “Eu comecei a estudar as obras da Denise, achei fantástico e adaptei a ideia com uma proposta puramente pedagógica na comunidade de Heliópolis”, ela lembra.

A ela se juntaram Regina Barros,

socióloga e educadora do UNAS (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região), e Rosa Iavelberg, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

No ano seguinte, já com a formação dos professores estruturada, o trabalho das três educadoras se estendeu aos grupos de crianças e adolescentes. “Eles estudaram história, geologia e ciência, por exemplo”, conta Carla. O processo educativo e de sensibilização culminou no primeiro *Cortejo das Vidas Preciosas*, em 2010.

A partir desses estudos, a proposta de trabalhar a arte com uma linguagem pedagógica, envolvendo os princípios da *Ópera das Pedras*, passou a ser bastante utilizada nos CCAs. “Muitas vezes, a educação fica apartada de programas que buscam valorizar a cultura porque existe uma dificuldade em perceber que isso faz parte de um todo”, analisa Carla. Para ela, o diferencial da obra da artista é



a valorização das relações humanas, do desenvolvimento da autoestima e da crença em uma sociedade melhor. “O propósito de aliar arte e cultura à educação sempre foi um norte, mas a Denise deu um frescor a isso”, completa.

Metáfora e inovação

O alicerce desse trabalho é a possibilidade de fazer uma analogia entre uma pedra preciosa, que se transforma com o passar do tempo, e a capacidade do próprio ser humano de se transformar. Na visão de Gilmar Pereira da Hora, coordenador do CCA Parceiros, a metáfora é, acima de tudo, uma reflexão sobre quem somos nós. “Trabalhar esse conceito com as crianças é despertar nelas o senso crítico, que as ajuda a entender valores sociais, humanos, e a buscar ferramentas para se tornarem cidadãos ativos”, afirma.

Acostumados a métodos de trabalho mais ortodoxos, era de se esperar que houvesse dificuldade

inicial dos educandos em compreender o significado de uma analogia não tão explícita. Em outras palavras, explicar o passo a passo de uma transformação mineral a uma criança e fazê-la entender que o processo pode estar intimamente ligado à sua própria vida poderia parecer um complexo desafio.

Juliana Kelly da Silva, a Fuca, Coordenadora de Arte e Cultura do Instituto Anchieta Grajaú, lembra o caso de um aluno que estava passando por um momento bem difícil na época: “A criança não sabia como lidar com a morte, a saudade, a falta”, ela conta. “Resolvemos usar a simbologia trabalhada no projeto da Denise. Pedi para a criança procurar pelo terreno pedras que demonstrassem o que sabia sobre a morte. Lindamente ela me trouxe cinco pedras e explicou: uma era o nascimento, a idade de criança quando engatinha, a segunda representava a idade da primeira experiência com a escola, a terceira, simbolizava a adolescência, a quarta,

a fase adulta e a quinta, a velhice. Perguntei, e depois? A criança me respondeu que depois vinha a morte e que a morte era o medo da saudade e a sensação de sentir-se sozinha. A comparação simbólica deu cores, leveza e ressignificou o sentido da perda e da dor”, conclui Juliana.

Carla Govêa confirma que os resultados foram surpreendentemente positivos. “A criança não tem receio do novo nem bloqueios, enquanto nós, adultos, temos formatos pré-concebidos e precisamos de mais tempo para entender ideias muito diferentes das que já vivemos diariamente”. “Eles interagiam o tempo todo como protagonistas, sugerindo jogos, exposições e atividades por conta própria”, completa a educadora.

Comunidade e desafios

O relacionamento das crianças com a obra da artista foi se aprofundando e, já na edição 2013, todo o evento foi organizado pelos próprios representantes dos CCAs, em conjunto com as



“Trabalhar esse conceito com as crianças é despertar nelas um senso crítico, que as ajuda a entender valores sociais, humanos, e a buscar ferramentas para se tornarem cidadãos ativos.”

Gilmar Pereira, coordenador do CCA Parceiros



crianças e os adolescentes inscritos nos centros, além de outras pessoas da comunidade.

“O envolvimento dos pequenos mostra como eles se vincularam ao projeto. Cada desenho, cada bandeira, tudo tem a cara deles, é a construção de uma identidade própria”, afirma Antonia Cleide Alves, presidente da UNAS, que participou das edições anteriores do cortejo.

Gilmar Pereira, um dos articuladores do evento dentro da comunidade, ressalta a importância da ação: “Isso partir daqui de Heliópolis representa um processo de identificação com uma obra que viajou o mundo inteiro”. De fato, o trabalho de Denise Milan não se restringe ao Brasil. Chicago, nos Estados Unidos, e a cidade de Assis, na Itália, possuem exemplares permanentes de seus trabalhos. Suas instalações já passaram por lugares tão diversos como Taiwan e Marknesse, na Holanda.

Para Gilmar, falar de vidas preciosas nos espaços que representam

o cotidiano desses jovens é uma vitória significativa: “Nada melhor do que debater um assunto assim, tão importante, na porta da própria casa, dividindo com o vizinho que ele também é precioso e pode ser uma pessoa melhor”.

“Em Heliópolis existe vida comunitária”, salienta Regina Barros, “lá encontramos a semente do coletivo. Pessoas lutam diariamente para que a qualidade de vida melhore para todos. Crianças abandonadas pela vida e às vezes até por seus próprios pais, são recuperadas pela atuação de lideranças da comunidade, que não desistem dela”, avalia a socióloga.

Euforia

Quando o primeiro turno da caminhada começou, pouco depois das 8 horas da manhã de um dia ameno, o silêncio que dominava as ruas de Heliópolis foi rasgado pela euforia das crianças. Após meses de preparação, começava, enfim, o esperado *Cortejo das Vidas Preciosas* de 2013. “A busca do

Foto: Lucas Mandacaru



Foto: Lucas Mandacaru



ser humano é transformar o ser em sua própria preciosidade”, dizia a camiseta de um punhado de meninas que ajudavam a acalmar a agitação dos mais novos. “Não jogue lixo no chão, porque o mundo é precioso”, pedia um grupo de meninos que empunhava balões verdes e marchava lentamente ladeira abaixo.

Com mensagens sobre o meio ambiente, a importância da família e pedidos de paz, entre várias outras, crianças e jovens com idades variando entre 6 e 15 anos percorreram as ruas. Das janelas, nas varandas, o povo – tanto os moradores quanto os comerciantes – espreitava a barulhenta caminhada com curiosidade; vermelho, verde, azul, lilás, rosa, amarelo, um mar de cores representando diferentes pedras preciosas e a promessa de uma vida melhor. “Muita gente pensa que a educação pode ser feita de qualquer jeito, mas é preciso ter consciência sobre a aprendizagem, é preciso ensinar a esses jovens que as atitudes deles criam responsabilidades na sociedade”, reflete Genésia Ferreira da Silva Miranda, diretora da UNAS e coordenadora do CCA Mina.

A caminhada não durou uma hora. Os resultados do ato simbólico, todavia, vão repercutir ao longo de toda a vida. “Às vezes nós recebemos uma criança de sete anos de idade, por exemplo, que chega sem autoestima, com dificuldades para se relacionar, e alguns anos depois ela se torna uma liderança, um exemplo vivo dos frutos desse trabalho”, exemplifica Gilmar Pereira. “Estamos falando de desenvolvimento humano, de algo que impacta no dia a dia desses jovens, influencia os caminhos que eles vão escolher”, completa o educador, que

Foto: Lucas Mandacaru



recebeu no CCA Parceiros ao fim da caminhada todos os grupos do Cortejo para um momento de reflexão.

“Cada pedacinho do universo é precioso, e a gente precisa cuidar e se orgulhar de ser parte disso”, afirmou Ana Estela Haddad, primeira-dama de São Paulo, presente no cortejo.

Visões de futuro

As bandeiras hexagonais estendidas pelo pátio do CCA, as crianças atentas ao discurso dos educadores, ansiosas para soltar finalmente as

centenas de balões coloridos pelo céu, não davam margem a qualquer dúvida: mais uma vez, o *Cortejo das Vidas Preciosas* atingia seus objetivos. “Nesses quatro anos houve muito planejamento, é algo contínuo”, relata Genésia Miranda, da UNAS. Para a diretora, o dia é só um detalhe em um contexto maior. “Quando um adolescente sai do Centro, com 15 anos, e segue a sua vida, a formação adquirida aqui continua, o olhar dele para o futuro é precioso”, diz.

“É a sensação de que eles são capazes, é reforçar que Heliópolis pode ser bom, e isso tem muito significado”, completa Carla Govêa. Para Denise Milan, a quarta edição do Cortejo representou mais uma vitória para a arte pública: “É uma ação espontânea, a prova da relevância dessa proposta de arte-educação que criamos. Cidade Heliópolis mostra que a reflexão já foi consolidada e que agora está pronta para outros desafios”.

Chega enfim o grande momento: como em um passe de mágica, balões de todas as cores encheram o céu da zona sul de São Paulo. E vidas preciosas seguiram o seu curso. ■

EDIÇÃO 2015 DO CORTEJO TERÁ OFICINAS DE TEATRO E DE MÚSICA

Uma nova edição do *Espetáculo da Terra* está marcada para o dia 13 de novembro de 2015. A reunião de todos os educadores e coordenadores envolvidos no projeto aconteceu no Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis, no dia 8 de maio. Além

da apresentação da metodologia que será adotada para consolidar os resultados obtidos ao longo dos últimos anos com a experiência de arte-educação proposta por Denise Milan, junto com a equipe do *Espetáculo da Terra*, e desenvolvida pelos professores com as crianças da comunidade, o encontro também apresentou novidades.

O objetivo é ampliar o potencial teatral do cortejo de rua a partir de oficinas teatrais e de hip-hop baseadas na criação *Ópera das Pedras - Vidas Preciosas* de Denise Milan. A cantora e compositora Badi Assad e a Orquestra do Instituto Bacarelli, com 70 músicos e 60 crianças no coral, também farão parte da edição 2015 do cortejo.

A arte de aprender e de construir a cidadania

Especialistas debatem as possibilidades de emprego da arte como instrumento de educação e autonomia na atualidade

Qual o impacto de uma experiência de arte-educação na vida das pessoas? E na configuração do espaço urbano? Em um mundo cada vez mais multidisciplinar, de que forma vivências que combinam arte e propostas pedagógicas se articulam para oferecer novos insights às crianças? E aos jovens? Educadores e especialistas em diversas áreas refletem sobre as possibilidades que um trabalho artístico fortemente ancorado em valores contemporâneos, como respeito pela Terra e valorização do coletivo, pode oferecer às crianças e aos jovens de hoje. Sobretudo aqueles

que estão mais distantes dos recursos sofisticados que eventualmente dão a falsa ilusão de que a tecnologia seria uma resposta para todos os problemas. Afinal, como afirma Tom Lovejoy em seu depoimento “para a maioria (das crianças), a mágica das coisas vivas é tudo que precisam e é fascinante descobrir e entender como tudo funciona”. Explorar esses novos caminhos de criatividade e construção de conhecimento que a arte oferece é um desafio. As educadoras Carla Govêa, Regina Barros e Rosa Iavelberg avaliam as oportunidades que as performances

urbanas oferecem de trabalhar a transdisciplinaridade. Laura Greenhalgh debruça seu olhar sobre os efeitos desses espetáculos na transformação das cidades. O Prêmio Nobel de Física Jerome Friedman discute o papel da cultura de arte na libertação dos jovens das condições difíceis em que vivem. E Vladimir Bulovic, professor do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), analisa as interseções entre o processo científico e a arte e imagina como o processo pedagógico se enriqueceria se essas disciplinas fossem melhor articuladas.



“OS ARTISTAS SÃO ARQUITETOS DO IMAGINÁRIO E AGENTES DA TRANSFORMAÇÃO URBANA”

Entrevista de Laura Greenhalgh
a Naomi Moniz

De que forma a percepção do “espaço público” molda nossa relação com as cidades?

LAURA GREENHALGH: Em geral, temos uma percepção atrofiada do espaço público, e vários fatores contribuem para isso. A cultura dos carros, por exemplo. Nossas cidades foram se expandindo e, em boa medida, se deformando para dar lugar a avenidas que se transformam em estuários de veículos. Passamos parte das nossas vidas trancados em carros e/ou bloqueados em congestionamentos. Isso é a negação do espaço público, que é feito de interações

fluidas. O mesmo raciocínio se pode aplicar à “compulsão por se proteger do outro”. Em nome da segurança, criou-se toda uma parafernália de câmeras, alarmes, cercas eletrificadas, condomínios murados, empresas de vigilância, enfim, toda uma sorte de “trancas sociais” que, de novo, negam o espaço público. Assim, vamos perdendo aderência com a cidade que habitamos e que também nos habita.

De que modo iniciativas como o *Espetáculo da Terra* podem recriar o vínculo cidadão-cidade e reinventar o espaço público?

Iniciativas que propiciem ao indivíduo rever sua relação com o habitat são benéficas. O que chama atenção no caso do *Espetáculo da Terra* é que esse projeto, misto de performance urbana com arte pública, é construído pela comunidade, e não articulado em gabinetes. Por conta disso, pode alcançar um grau de eficácia que supera até as viradas culturais planejadas pelo poder público.

Cidades estão preparadas para absorver performances urbanas e manifestações populares?

Preparadas idealmente, nunca. Mas estão preparadas, sim, para abarcar os anseios da sua gente. Cidades são artefatos humanos, não nos esqueçamos. Como diz o economista americano Edward Glaeser, as cidades triunfaram como invenção: Florença nos deu o Renascimento, as ruas de Birmingham nos levaram à Revolução Industrial, de escritórios em Bangalore ou Tóquio colhemos inovação. Pensar cidade é pensar a evolução humana. Daí supor que elas continuarão a ser o espaço ideal para a expressão de seus habitantes. Estamos assistindo a esse fenômeno nos últimos anos e os exemplos são inúmeros. O movimento *Occupy* que desafiou o establishment americano em 2011 ao

usar o reduto financeiro da cidade de Nova Iorque, Wall Street, como espaço para protestar contra as desigualdades econômicas e sociais ao redor do mundo; as “primaveras árabes” que explodem nas ruas do Oriente Médio desde 2010; Paris inundada por milhões de pessoas em protesto contra o massacre dos jornalistas do Charlie Hebdo; as passeatas brasileiras de julho de 2013, contra um difuso “tudo que está aí”, e as de março deste ano, contra o governo federal.

“ O que chama atenção no caso do *Espetáculo da Terra* é que esse projeto é construído pela comunidade, e não articulado em gabinetes. Por conta disso, pode alcançar um grau de eficácia que supera até as viradas culturais planejadas pelo poder público. ”

As pessoas usavam mais o espaço público no passado?

Temos memória de que nossa vida foi mais compartilhada na praça, no coreto, à beira do rio, quando tínhamos praças, coretos e rios para curtir. Antítese desse passado “aberto” seria, por exemplo, a tragédia “fechada” na boate Kiss, da cidade gaúcha de Santa Maria, em 2013. Trancados ao longo de uma madrugada numa grande caixa de concreto e alvenaria, sem saída de emergência e com equipamentos de segurança inadequados e som nas alturas, 242 universitários morreram em decorrência de um incêndio que deixou outros 600 feridos. Curtiam a

diversão típica da idade, só que num lugar encapsulado. A internet, de certa forma, também nos encapsula na virtualidade e uma reação a isso talvez sejam os movimentos “Vem Pra Rua” que proliferam com força. Sinal de que as trocas humanas no plano virtual não prescindem das trocas humanas no plano físico.

Quem melhor deflagra a transformação urbana hoje? O político? O mercado? As ONGs? Os artistas?

O cidadão reivindica mais voz. O mercado age segundo suas regras específicas. As ONGs seguem lógica própria, às vezes atrelada à necessidade de manutenção de um contra-discurso. Destaco uma figura no espectro político, o prefeito, que está mais perto do cidadão. Atuando como síndico da cidade, ele precisa dar respostas rápidas e eficazes. Além disso, pode se conectar com outros prefeitos, até de outros países, criando redes urbanas muito interessantes. Como diz Benjamin Barber, autor do livro *If Mayors Ruled the World*, enquanto presidentes divagam sobre princípios da Nação, prefeitos se preocupam com a coleta do lixo. Por fim, vale destacar o papel dos artistas que ousam lançar sua criatividade no espaço público. Estes são os arquitetos do imaginário. Como Denise Milan.

Laura Greenhalgh é jornalista de formação e prática profissional. Formada pela Escola de Comunicações e Artes da USP, atuou em importantes veículos e empresas de mídia. Foi editora-executiva do jornal O Estado de S. Paulo entre 2004 e 2014, onde fundou os suplementos “Aliás” e “Sabático”. Atualmente dirige o Arq.Futuro, plataforma internacional de discussão sobre arquitetura e urbanismo. Fez sua especialização como editora na Stanford University (EUA).



“OS PROCESSOS CRIATIVOS SÃO PARECIDOS NA CIÊNCIA E NA ARTE”

Entrevista de Vladimir Bulovic
a Naomi Moniz

Entrar no gabinete de Vladimir Bulovic, professor da cátedra Fariborz Maseeh de Tecnologias Emergentes, diretor do Projeto MIT Nano e colíder da Iniciativa em Inovação do MIT é colocar o pé no umbral do futuro: um telão iluminado com as cores mais vibrantes da natureza e cujo gasto é uma fração do custo de energia atual; um aparelho auditivo movido a células solares transparentes nas lentes de óculos e lâminas de vidros com células solares que absorvem energia solar e podem revolucionar a construção civil misturam-se à coleção de “gizmos”, maquinetas que são resultados de seus experimentos de ciência e engenharia.

O professor Bulovic possui 75 patentes de inovações em energia solar e detecção de fóton, diodos emitindo luz, lasers, iluminação e displays de

televisores, sensores químicos, memórias programáveis e maquinetas micro-elétricas. Um verdadeiro professor Pardal com sua lampadinha de ‘brilhante ideia’ sempre iluminada.

A vida desse mestre da engenhosidade, no entanto, foi marcada pela necessidade de superação. Vladimir Bulovic nasceu e cresceu em uma das regiões mais marcadas pela intolerância e por guerras seculares por questões territoriais, religiosas e étnicas, a Sérvia, antiga Iugoslávia, situada no epicentro do caldeirão de violência que marcou as guerras dos Balcãs, nos anos 1990. Mudou-se para os Estados Unidos antes da divisão do país em 1984 e, longe de se resignar a uma posição de outsider, tornou-se um educador inventivo e cheio de recursos.

A rotina do professor Vladimir também é marcada pela necessidade de ultrapassar limites. Junto com a mulher, o professor do MIT cria material didático e dá aulas para introduzir crianças do primeiro grau ao mundo fabuloso da matemática aplicada ao mundo real e tem um hobby no mínimo ‘diferente’, é mímico, mestre em pantominas, a arte dos gestos e das expressões que buscam expressar a universalidade dos sentimentos humanos.

“Os processos criativos nas ciências e nas artes são muito parecidos: o sentimento de experimentação, de criar novos conhecimentos, de trabalhar com várias disciplinas.”

De que forma a experiência de colaborar em uma instalação da artista multidisciplinar Denise Milan se articula com seu trabalho?

VLADIMIR BULOVIC: Busco a inovação, sempre. Como muitos artistas da vanguarda busco a democratização da criação, venho todos os dias para o trabalho apaixonado e estimulado pelo que é novo e diferente. Minha missão, como líder do projeto MIT Nano, é construir um laboratório de nanotecnologia de ponta, criar uma oficina de trabalho transformadora e definidora de novos parâmetros para as próximas três décadas, até pelo menos 2050. Para isso temos que criar um espaço de pesquisa que seja flexível e adaptável às circunstâncias.

Você é cientista, inventor, educador e praticante da arte da pantomima. Em que ponto arte e ciência combinam?

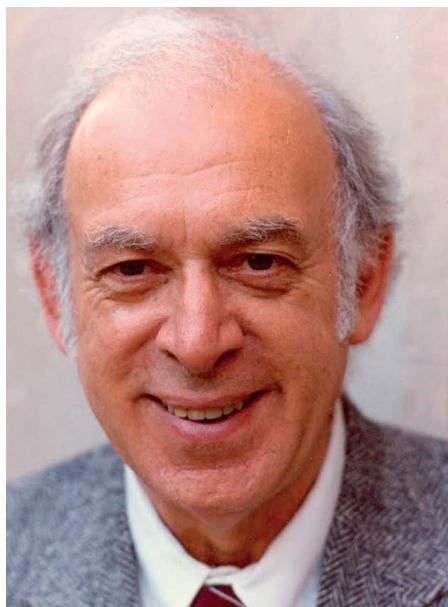
Os processos criativos nas ciências e nas artes são muito parecidos: o sentimento de experimentação, de criar novos conhecimentos, de trabalhar com várias disciplinas. A observação e a curiosidade para imaginar soluções. Como engenheiro, crio algo que seja tecnologicamente útil, mas na mímica atinjo as pessoas pela emoção e provooco uma fâsca reveladora.

Por que escolheu a pantomima como forma de expressão artística?

Participei do grupo de pantomima “Princeton Mime Theater”, muito atuante em performances na universidade de Princeton, onde estudei. Descobri que o riso une as pessoas. A habilidade de fazer rir, tocar emocionalmente as pessoas, me marcou profundamente e me deu confiança, era uma forma de comunicação universal. Depois, já professor no MIT, ofereci um curso aos alunos, na maioria de engenharia e ciências exatas, e, de

modo geral, pessoas mais introvertidas, que se chamava “Mímica para o Intrigantemente Imaginável”. O curso prescrevia: “Inscreva-se e aprenda a explorar a expressão e o movimento. Aprenda a expressar-se sem usar uma só palavra. Abra seus olhos, use seu corpo e pense no espaço ao seu redor; sua imaginação vai colorir o resto”.

Vladimir Bulovic é professor da cátedra Fariborz Masseh de Tecnologias Emergentes, diretor do Projeto MIT Nano e colíder da Iniciativa em Inovação do MIT—Instituto de Tecnologia de Massachussetts.



“A IMERSÃO DAS CRIANÇAS NA CULTURA DA ARTE PODE LIBERTÁ-LAS DAS CONDIÇÕES DIFÍCEIS EM QUE VIVEM”

Depoimento de Jerome Friedman

“A arte abre os horizontes culturais no presente e no futuro das crianças. Oferece também uma espécie de escada psicológica na qual podem se erguer acima das dificuldades e tristezas do meio em que vivem. Os temas abordados por Denise Milan podem oferecer-lhes um sentimento de respeito perante as maravilhas da natureza e as lições que ela nos ensina.

Meus pais eram imigrantes russos, chegaram aos Estados Unidos em 1914 e se estabeleceram em Chicago. Cresci durante os anos difíceis da Grande Depressão. Meu pai ganhava vida vendendo e consertando máquinas de costura e minha família sofreu grandes dificuldades financeiras durante essa época. Embora meus pais não tivessem uma educação formal, nossa casa estava cheia de livros e meu irmão e eu

éramos estimulados a nos dedicar aos estudos. Minha mãe gostava muito de música e tinha uma bela voz. Durante os verões nós sempre íamos aos concertos gratuitos ao ar livre no Parque de Grant, no centro de Chicago.

Eu queria ser artista. Quando era criança passava muitas horas desenhando e pintando. No colegial eu entrei num programa especial de artes que fazia parte do currículo normal. Nele eu passava duas a três horas por dia trabalhando com arte. Na verdade, eu até recebi uma bolsa de estudos para estudar na Escola do Museu do Instituto de Arte de Chicago quando terminasse o colegial. Durante esse período, como estudante de arte eu tomei poucos cursos de matemática. Fiz um curso de Física que foi muito mal ensinado e que não me inspirou nem um pouco. Eu estava cursando o segundo ano do colegial quando visitei o Museu da Ciência e Indústria de Chicago e perambulando por lá acabei entrando na livraria. Vi um livro chamado *Relatividade* escrito por Albert Einstein e fiquei absolutamente fascinado por ele. Depois de ler e tentar entendê-lo me dei conta de que havia muito no mundo da Física que eu não conhecia e gostaria de conhecer e de que precisava aprender mais. Acabei rejeitando a bolsa de estudos para as Artes no Art Institute muito a contragosto do meu professor e ingressei na Universidade de Chicago. O que me atraiu naquele livro? Pensei que me ajudaria a entender alguns mistérios que tinha lido em artigos popularizantes sobre a ciência: como a régua encolhia e o relógio ficava mais lento quando eram movidos com maior velocidade. Li o livro com muito cuidado e fiz o melhor possível para entender. Mas realmente não entendia os conceitos básicos de relatividade. Isto me fez ficar mais

curioso e mais teimoso na decisão de entendê-los. Tornou-se claro para mim que teria de estudar Física para conseguir compreender essas ideias.

Atualmente fala-se muito em inovação tecnológica na economia com ênfase em ciência, tecnologia, engenharia e matemática. Porém, tenho incentivado o papel da “Arte e ciência” como fundamental na educação. Os modelos imaginados podem ser a base de novas ideias conceituais. Não é à toa que a palavra imaginação – que denota uma habilidade, é o berço da criatividade e é baseada na palavra imagem.

De modo geral, o que falta nos processos educativos é a oportunidades para desafiar os alunos em sua criatividade. É aí que os cursos de arte podem ter um papel importante. O “fazer” arte força os alunos a buscarem soluções que não são prescritas pelas regras e podem, portanto, ter um efeito libertador no modo de pensar.

A arte oferece oportunidades para eles correrem riscos no processo mental. Além de aulas, tomar contato com obras de arte abre novas formas de ver, ouvir e vivenciar. Isso caminha paralelamente com as revoluções na ciência e reforça a ideia de que nenhum modelo é sagrado, ao contrário, deve ser constantemente testado em termos de uma nova experiência. As artes visuais que alargam a habilidade dos alunos de visualizar podem exercer um papel especial porque a visualização é tão importante no desenvolvimento de ciência e tecnologia”.

Jerome Friedman é professor titular da Universidade MIT e Prêmio Nobel Física de 1990 ao lado de Taylor e Kendall na descoberta de partículas subatômicas quarks.



“É NA INFÂNCIA QUE SE CONHECE A NATUREZA”

Depoimento de Tom Lovejoy

“As mudanças pelas quais o planeta vem passando representam um dos maiores casos de injustiça social de todos os tempos porque os danos não estão restritos a essa geração. A chave para reverter esse quadro, além do otimismo, é a abertura para colaboração e aprendizado contínuos. As escolas são fundamentais na formação de jovens pesquisadores que ajudem a enfrentar os desafios e a encontrar caminhos para melhorar o planeta.

As crianças tendem a ser mais otimistas e cabe às instituições incentivar esse otimismo, bem como o gosto pelo conhecimento e a criatividade. Devemos expor as pessoas, ainda na infância, à natureza. Nessa época elas são naturalmente curiosas e essa curiosidade se estende para todas as áreas: geologia, física, química, entre outras. Hoje em dia videogames, celulares, tablets e televisão podem ser uma distração muito séria. Mas

também constituem ferramentas que favorecem o aprendizado, mesmo que não possam substituir a experiência. Eu mesmo iniciei há 33 anos um programa de televisão que continua sendo um sucesso.

Foi graças a um professor maravilhoso que me interessei por biologia, quando tinha apenas 14 anos. Depois me especializei nessa disciplina na Universidade de Yale [Estados Unidos] e fiz doutorado. Ainda na faculdade, queria ter aventuras científicas em qualquer parte do mundo. Meu orientador em Yale me convidou para passar um verão trabalhando com ele na floresta brasileira ao redor de Belém. Em junho de 1965 peguei um voo para o Pará. Depois trabalhei no Instituto Evandro Chagas e no Museu Goeldi. Imagine só trabalhar na maior floresta tropical do mundo, onde havia somente uma estrada. Era o sonho de qualquer biólogo.

Futuramente vim a estudar a fragmentação das florestas, ou seja, o quanto essa segmentação comprometia a biodiversidade. A discussão era se as reservas florestais deveriam ser grandes ou pequenas. O estudo de 2003 do qual participei demonstrou que um fragmento de 100 hectares perdia metade das espécies de pássaros em menos de 15 anos. A conclusão é que os fragmentos deveriam ser maiores. Durante esses quase 50 anos passei a entender melhor também a importância desse imenso laboratório experimental que é a floresta.

A diversidade biológica é a base de toda a vida e essencial para o bem-estar do homem. Os sistemas ecológicos são importantíssimos. Tanto que o imperador Dom Pedro II instituiu o primeiro projeto de reflorestamento no local onde hoje fica o Parque Nacional da Tijuca [Rio de Janeiro]. Como seres biológicos nos

beneficiamos diariamente dos frutos da floresta, seja para usar como alimentação, seja na produção de roupas, moradia, remédio, agricultura, madeira.

A influência extrapola os limites da floresta. O ciclo hidrológico da Amazônia é essencial para manter a mata e produzir chuvas nas regiões de agroindústria do Mato Grosso. A região amazônica está se aproximando do ponto de irreversibilidade, com 20% de desmatamento, o que poderia levar ao desaparecimento da floresta no sul e no leste dessa região. A recuperação dos ecossistemas é importantíssima porque pode ajudar a remover o gás carbônico da atmosfera, o que contribuiria para diminuir em meio grau a temperatura.

Além disso, a biodiversidade é uma espécie de biblioteca viva para as ciências. Cada espécie representa um conjunto de soluções para questões biológicas, qualquer uma tem o poder de transformar nosso conhecimento científico. Há descobertas recentes que poderão revolucionar a medicina e os problemas relacionados ao uso de antibióticos para combater patógenos resistentes. Muitas vacinas e antibióticos são resultado de observações acidentais de ações biológicas.

Precisamos ser criativos na hora de proteger a floresta. Nos Estados Unidos há um aplicativo, o *Leaf Snap*, que ajuda a identificar as árvores do leste do país. Temos que pensar criativamente em como desenvolver sinergias com tecnologias que beneficiam a ciência, a ecologia e o meio ambiente.”

Tom Lovejoy é ambientalista americano e estuda a Amazônia há 50 anos, tendo disseminado o conceito de biodiversidade. Pioneiro no estudo de florestas tropicais fragmentadas, é criador da série de televisão *Nature*, há 33 anos no ar.



“A PERFORMANCE URBANA MODIFICA PESSOAS”

Depoimento de Carla Govêa

“A performance tem o grande mérito de envolver, fazer com que todos participem. Ela não isola. Por isso funciona tão bem em comunidades, permitindo que todos se expressem de alguma forma. O *Espectáculo da Terra* gerou uma sensação de pertencimento nas crianças (e nos adultos) participantes, propiciou a inclusão. Muitas delas se sentiam inferiorizadas e saíram com a autoestima elevada. Lembro de um menino de cerca de 9 anos que tinha perdido o pai, assassinado, e vivia com a avó. Durante o processo ele percebeu que podia mudar a própria história, que não era refém do que já tinha vivido. Recordo também de uma menina de 11 anos que era ridicularizada tanto na escola quanto em casa porque tinha problemas de aprendizagem. Hoje essa menina

consegue dizer ‘eu não permito que me humilhem mais’. Ela quer até ser jornalista. É assim que se mede uma performance e um projeto de arte-educação, pelo impacto que causa na vida das pessoas. Eu própria me modifiquei. Antes de participar desse projeto seguia um método formal de ensino. E passei a perceber como tudo podia ser diferente. Compreendi que uma informação não deve ser vista como exclusiva de uma única área. E era isso que tentávamos passar para os arte-educadores. Alguns percebiam logo, outros demonstravam mais resistência. Mas o resultado, de modo geral, foi muito positivo”.

Carla Govêa, educadora do Sesi, é psicóloga e pedagoga especializada no atendimento a crianças e jovens e na elaboração e no desenvolvimento de projetos para alunos com dificuldades na aprendizagem. Trabalha há 20 anos em comunidades na periferia de São Paulo, é uma das coordenadoras pedagógicas associadas à criação artística de Denise Milan, *Espectáculo da Terra*.

“A performance tem o grande mérito de envolver, fazer com que todos participem. Ela não isola. Por isso funciona tão bem em comunidades, permitindo que todos se expressem de alguma forma.”



“EDUCADORES E CRIANÇAS SÃO ARTISTAS, NÃO COADJUVANTES”

Depoimento de Regina Barros

“Uma performance urbana não pode ser resumida ao momento em que ela está acontecendo. É o resultado de um processo que, no caso do *Espetáculo da Terra*, foi desenvolvido durante mais de três meses. E é por meio desse processo que as crianças e adultos envolvidos reconhecem suas trajetórias, seus limites, superam suas questões pessoais. Não foi um oba-oba, as pessoas sabiam o que estavam fazendo ali. Isso tudo foi especialmente importante para as crianças, que recuperaram a própria história, ainda que breve, e puderam entender como a vida é preciosa. O interessante é que os participantes tiveram autonomia para representar suas histórias, criar personagens, fantasias. Os educadores e as crianças viraram artistas, não apenas coadjuvantes. Não se deve menosprezar a importância do momento em que a performance estava acontecendo. Os que assistiam puderam conhecer um pouco melhor os

habitantes da comunidade e quem estava na rua foi mobilizado pela força do evento. A performance também teve uma importância do ponto de vista educacional. Os participantes conheceram a obra de Denise Milan, entenderam seu significado. E houve a possibilidade de trabalhar com a transdisciplinaridade uma vez que os temas podiam ser tratados dentro das mais diferentes disciplinas. Para construir uma pipa usa-se conceitos da matemática; o estudo das rochas envolve a área de ciências; descrever por meio da escrita o que cada uma estava vendo lançava conhecimentos de língua portuguesa. Esse tipo de movimento funciona melhor para crianças em idade escolar, acima dos seis anos. Os menores podem até se interessar de alguma forma pelo lúdico, pela curiosidade, mas nem sempre conseguem se apropriar de todo o significado.”

Regina Barros é socióloga e educadora. Desenvolveu vários projetos orientados para jovens em Heliópolis, atuando no UNAS de 2003 a 2011. Incentivadora na implementação do projeto *Espetáculo da Terra*, de Denise Milan, na comunidade.

“Isso tudo foi especialmente importante para as crianças, que recuperaram a própria história, ainda que breve, e puderam entender como a vida é preciosa.”



“A ARTE TORNA AS CRIANÇAS SENSÍVEIS PARA O MEIO E PARA OS OUTROS”

Depoimento de Rosa Iavelberg

“A performance é uma modalidade de apresentação artística contemporânea, é um conceito, ou seja, um conteúdo da área de Arte na educação. A partir do momento em que as crianças compreendem o sentido do que estão fazendo ali, podem atuar de modo performático. Isto depende do encaminhamento das sequências de atividades anteriores ao momento da performance. No projeto *Espetáculo da Terra* a performance cumpriu o propósito artístico de ação coletiva que publiciza os conteúdos trabalhados e as experiências vividas no projeto. É performance porque envolve ação, movimento, música, artes visuais e construção cênica de modo articulado e pode ser assistida por quem estiver na rua ou mesmo depois, em vídeo, pela internet, por exemplo. Você pode chamar de cortejo também, ou seja, um cortejo performático. Para participar do projeto, foi

preciso associar e trabalhar o tempo todo as relações entre arte e a vida de cada criança participante. Deste modo os alunos ganharam consciência das relações entre os conteúdos da obra de Denise Milan, que pretendem ser abrangentes em relação às questões da vida, com a necessidade de equidade no planeta. A aprendizagem de um projeto dessa natureza segue com o aluno ao longo da vida se for bem trabalhada. A arte os torna sensíveis para o meio e para os outros, este é um ganho importante de ações deste tipo. As aplicações não são previsíveis, mesmo porque o projeto não usa arte como meio para ações externas a ele, mas como tomada de consciência dos participantes que poderão

ter iniciativas distintas na vida e na comunidade.”

Rosa lavelberg é professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Tem vasta experiência na área de Artes, com ênfase em Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, formação de professores, arte na educação, currículo de arte na educação, desenho da criança e do jovem. Contribuiu na fundamentação do projeto e é uma das coordenadoras pedagógicas associadas à criação artística de Denise Milan, Espetáculo da Terra.

“A aprendizagem de um projeto dessa natureza segue com o aluno ao longo da vida se for bem trabalhada. A arte os torna sensíveis para o meio e para os outros.”

Foto: Alexia Santi



AS VOZES DO ESPETÁCULO

“A melhor parte do evento foi ver as pipas voarem alto no céu. Foi como se tudo o que estava aprisionado criasse asas e se tornasse livre. É possível acreditar em sonhos.”

Ingrid, 12 anos

“É preciso educar as pessoas para se preocuparem com os outros e com a natureza, porque é tudo tão especial.”

Naelly, 8 anos

“Nós vivemos em sociedade para aprendermos uns com os outros.”

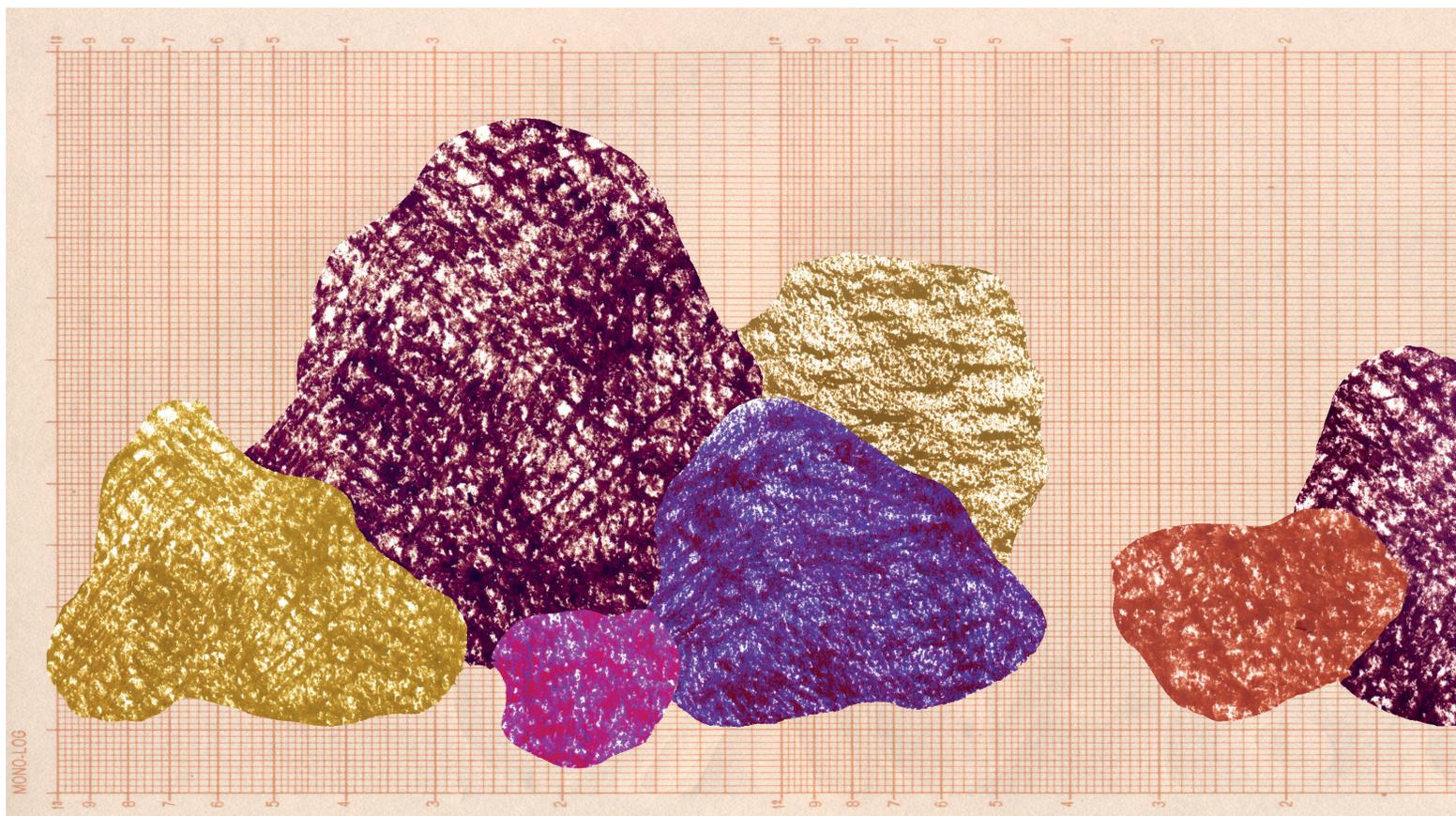
Lilian, 11 anos

“Há coisas preciosas dentro de nós: amor, esperança, alegria e paz.”

Ludymila, 9 anos

“Os seres humanos têm vidas preciosas que não podem ser compradas.”

Arthur, 10 anos



A PEDRA COMO METÁFORA

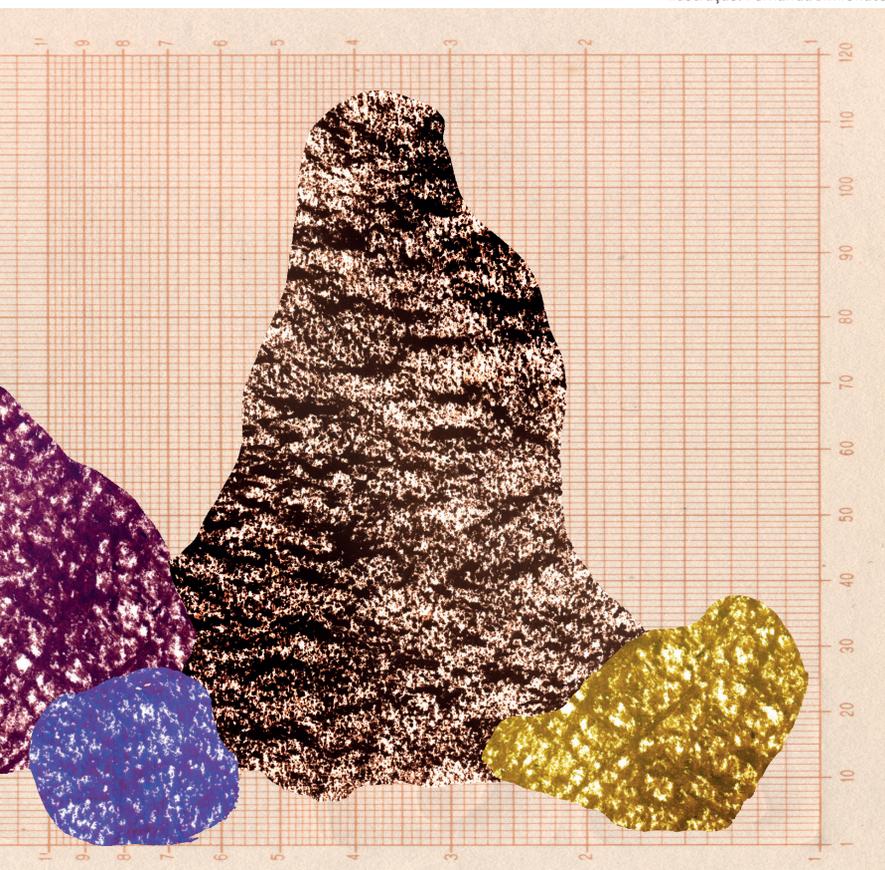
texto: Naomi H. Moniz

MINHA PRIMEIRA AULA DE “EDUCAÇÃO PELA PEDRA” ACONTECEU QUANDO tive a oportunidade de testemunhar o compromisso total de Denise Milan com a pedra como metáfora de sua obra, durante a peregrinação que fizemos aos grandes parques nacionais no oeste norte-americano: o Vale do Monumento, o Cânion de Bryce e o Parque de Sião. Aprendi uma nova maneira de olhar para a pedra e a entender como sua visão apaixonada as pessoas. Durante dias, paramos para admirar, fotografar e meditar em meio à beleza dessas colossais catedrais pétreas dos *Four Corners*, localizada na divisa de quatro estados: Arizona, Utah, Colorado e Novo México. Uma região com as maiores reservas indígenas, dos EUA, com *pueblos* situados na vastidão a perder de vista, seus amplos horizontes de

360 graus e um céu com luminosidade que faz reverberar uma gama de vários tons de rosa, roxo e ocre das rochas. Tudo isso sempre inspirou pintores, escritores, compositores, arquitetos, ceramistas e atores. Essa região é também o último reduto dos hippies ou daqueles que buscam viver *out of grid* – longe da civilização e da sociedade em busca de formas de vida alternativas e sustentáveis para o planeta. As paisagens são conhecidas no mundo inteiro, nas pinturas de Georgia O’Keefe, na música de Copland e Dvorák, e no icônico Vale do Monumento com seus panoramas cinematográficos tão típicos dos clássicos filmes de caubóis e índios de Hollywood ou no pôster publicitário do mitológico herói do faroeste, o *Marlboro Man*.

Naomi Moniz é professora emérita da Georgetown University. Ganhou o Prêmio APCA 1993, com *As Viagens de Néida*, a *Escritora* e a Comenda Rio Branco, Itamaraty, 2002. Foi Diretora de Brazilian Studies, Literatura Comparada, do Departamento de Português na Georgetown University.

Ilustração: Fernanda Simionato



Após rodarmos 1.500 km nessa região de formação de rocha sedimentada com mesas, mesetas, torres, monolitos e *hoodos*, cruzamos o legendário rio Colorado, atravessamos um túnel estreito de 1,711 m cavado no coração do paredão de arenito do Cânion do Rio dos Pinheiros e descemos 800m numa queda quase vertical ao fundo do vale, exaustas e cobertas de poeira em direção ao oásis *Pérola do Deserto*. Era um hotel elegante dentro de uma certa simplicidade zen, com o som das águas do Rio Virgem saltando ali perto em seu raso leito de pedras.

No primeiro dia, um *handyman* tipo “pau prá toda obra” veio consertar a televisão e conversou animadamente sobre o lugar. Ele voltou logo em seguida com uma grande cesta de frutas

e ofereceu gentilmente que trocássemos o apartamento no rés do chão por um outro, no segundo andar, com uma vista espetacular da montanha de pedra rosa banhada pelo sol crepuscular: “Eu sou artista que trabalha com a pedra e preciso estar com os pés plantados na terra, jamais subiria para o segundo andar!”, respondeu Denise Milan com veemência inesperada e indignação altaneira que pegou o simpático senhor de surpresa pois ele queria somente agradar.

Visitar o espaço onde Denise vive é descobrir a tela na qual ela se expressa artisticamente. Vejo desfilar perante meus olhos uma autobiografia em três dimensões: a “Sherazade paulistana” tece fábulas duma infância mágica na residência de estilo mourisco dos avós libaneses, a fascinação pela pura

geometria matemática dos arabescos harmoniosos espalhados pela casa e da caixa de jogo de gamão decorado com a estrela de seis pontas que se tornou o *leitmotif* (do alemão, “motivo condutor”) de sua obra: o átomo do quartzo. Ali está a cadeira de balanço de seu pai Rachid, marido de Rosa, sua mãe. O casal tem nomes significantes que lembram a pedra de Roseta (encontrada em Rachid, no Egito e que ajudou Champollion a decifrar os hieróglifos egípcios) e a filha caçula, Denise, será aquela que vai gerar a linguagem da pedra, literalmente, porque *maktub* (‘estava escrito’, em árabe).

Conhecer o imaginário de Denise Milan é como entrar num universo de viagens, descobertas, observações do mundo natural, das ciências, é entrar num *Wunderkammer* – um gabinete de maravilhas com uma coleção enciclopédica de pedras. Nesta biblioteca, os livros de pedra são como aqueles mapas que surgem na Europa desde o século 13, com desenhos da orbe celeste, da rosa dos ventos e acompanhados de antigos instrumentos de navegação: o astrolábio, a bússola, o telescópio, a sextante, e que ajudaram os antigos marinheiros a encontrar os caminhos marítimos observando a Natureza.

Num canto da sala da artista há maquetes de muitos dos seus trabalhos feitos com Ary Perez, uma parceria que caracteriza seu modo de trabalhar e que levou a outras parcerias, por exemplo, a ópera feita com seis compositores sob sua maestria, baseada no seu libreto e nas suas anotações musicais pictográficas da linguagem da Terra. Outro projeto de Denise em arte-educação nas comunidades carentes da Grande São Paulo, *Espetáculo da Terra*, também envolve muitos parceiros em sua “prática social” e mostra a tendência atual de se fazer arte em parceria porque “criatividade é interdependência” como enfatiza o artista escandinavo, considerado na Europa o filósofo do espetáculo, Olafur Eliasson, em cujo estúdio trabalham noventa pessoas.

No alto da estante de maquetes se encontra uma cabeça de mármore branco cujo cérebro seccionado é uma lâmina da “pinha” da ametista, num estilo remanescente da estética steampunk da era vitoriana fascinada com o jeito “como as coisas funcionam” do início da Revolução Industrial e hoje praticada como estilo de arte e design. O cérebro de pedra desafia e subverte com humor e ironia as distopias futurísticas do cyberpunk e de cyborgs.

Numa outra parede vemos obras em metacrílico da exposição profética *Mist of the Earth* realizada em Chicago (2013), na qual ela reexamina o mito do Brasil como paraíso terrestre desde a época da sua descoberta. A coleção é dividida em três partes: primeiro, o “paraíso” com figuras de plantas antropomórficas e zoomórficas – a comunhão da natureza e dos moradores da Mata Atlântica na exuberante variedade da flora brasileira; segundo, o “paraíso perdido” cujo sonho do Eldorado leva ao desastre ecológico causado pelo desmatamento; finalmente a terceira, uma mensagem de esperança nas mandalas formadas pela junção do mundo mineral e vegetal, a sugerir um retorno às origens do universo assim como ao seu futuro, antecipando dessa maneira nossa evolução nessa jornada cósmica. Tudo isso faz parte de uma “instalação total” onde preside o geodo de ametista, a Agrégora, protagonista de sua *Ópera das Pedras*. A heroína atravessa precipícios e cavernas tenebrosas, vencendo tentações e obstáculos até encontrar Solser – o coração raro e solar da ametista que vai iluminar seu caminho e ajudá-la na sua tarefa de salvar a Terra.

Denise é uma artista multidisciplinar e realiza obras em várias mídias e gêneros: escultura, colagem, desenho, fotografia, videoarte, instalações,

poesia, dança, coreografia e performance. Organiza debates interdisciplinares sobre arte pública no Brasil, arte-educação e performance urbana do *Espetáculo da Terra* nos espaços públicos. Dado o caráter interdisciplinar de sua obra, ela serve de veículo para muitas leituras e propicia diversos tipos de colaboração e parcerias.

“Se nos conscientizarmos da relatividade deste momento no spectrum maior dos tempos, poderemos nos unir, olhar de frente os males e enganos que a Terra sofre para descobrir as vias de uma vida saudável, aqui e agora.

Arquivo da artista, 2012.

A maneira como Denise trabalha reflete a sua postura como artista do século 21, com preocupações relacionadas à velocidade alucinante das transformações e a questão urgente da sobrevivência e da sustentabilidade do planeta em vista da mudança climática. Ela examina sua fragilidade no momento crítico que vivemos no globo, que ela chama de “a primeira Denise utiliza o epíteto dito pelos astronautas da missão espacial Apollo 17 em 1972, quando viram a terra inteiramente redonda, iluminada pelo sol, e tiraram uma foto do planeta, a primeira feita por um ser humano: “a blue marble!” Um dos astronautas comentou que teve uma revelação epifânica ao ver o planeta Terra “só, frágil, e isolado no espaço” e percebeu que éramos parte duma só tribo, a humana. O único astronauta árabe que esteve em missão no espaço, Sultan bin Salman, ilustra esse novo espírito dos tempos. Diz ele que, vista do espaço, “nós nos damos conta que só existe uma Terra”. Este momento marca uma mudança no paradigma da história humana: entrar na fase de compreensão unificada da vida a partir da percepção de sermos todos participantes de uma jornada histórica maior, cósmica. Nestes tempos de comodificação da experiência humana na “sociedade do espetáculo” e da cultura hiper-estimulante das mídias sociais, Denise exorta todos a parar e refletir:

“Se nos conscientizarmos da relatividade deste momento no spectrum maior dos tempos, poderemos nos unir, olhar de frente os males e enganos que a Terra sofre para descobrir as vias de uma vida saudável, aqui e agora. Percorreremos numa epopeia, o trajeto mítico da grande pedra azul, Terra, terra saudável que aspira liberar a Natureza de seus aspectos de destruição, para lhes oferecer o seu poder regenerador.”



Bibliosesc

Incentivo ao hábito da leitura e formação de novos leitores

O Bibliosesc oferece gratuitamente o empréstimo e consulta de livros, jornais e revistas e realiza encontros com escritores, oficinas, narração de histórias e intervenções artísticas, integrando as ações de fomento à leitura do Sesc São Paulo.

As bibliotecas volantes atendem às regiões de:

Campo Limpo	Osasco
Interlagos	Santana
Itaquera	São Caetano

sescsp.org.br

